



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ E DA PARENTALIDADE

**SATISFAÇÃO PARENTAL E BONDING PARENTAL NA FIGURA PATERNA:
ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Janaína Baptista Soares Parreira

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Gravidez e da Parentalidade conforme a Portaria nº 842/05 de 19 de Setembro para dar satisfação à alínea b) do nº 2 do artigo 5º do Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de Outubro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos homens, e às mulheres, que são pais e que se disponibilizaram a colaborar nesta investigação, e sem os quais este trabalho não seria possível.

À Cintramédica, Clínica de Diagnóstico, local de trabalho que me permite a aplicação dos conhecimentos adquiridos e que é fonte de experiência diária e contínua; à administração, à equipa médica, aos técnicos e colaboradores que apoiaram este trabalho, agradeço toda a disponibilidade, indispensável à recolha de dados.

Agradeço também ao Prof. Dr. Gentil Martins, ao Dr. António Ponces de Carvalho, ao Prof. Dr. Carlos Matos Ferreira, entre outros, que disponibilizaram de imediato os seus contactos.

À Prof.^a Dr.^a Isabel Leal, pela disponibilidade, apoio emocional, tranquilização, incentivo e supervisão atenta e rigorosa. Por todo o apoio ao longo deste processo agradeço também.

Ao Prof. Dr. João Maroco a preciosa colaboração e incentivo na análise estatística deste trabalho.

À minha mãe e ao seu apoio incondicional, experiência de vida e ao seu amor; ao meu avô Eurico Aguiar Baptista, que já não está presente, e que sempre fez questão de me mostrar o quanto se orgulhava de mim, investindo em toda a minha formação profissional e pessoal, apoiando-me calorosamente - Ao seu exemplo de vida. Ao meu pai, que mesmo longe, está sempre por perto. À minha avó M^a da Conceição Baptista, pelas “nozes e amêndoas”, à minha família pela sua “história”, pelo apoio, presença e incentivo, e que responsável pelo que Sou e Sei – o meu carinho.

Às Mestras Filomena Dias e Sara Sereno que, de colegas, passaram a grandes amigas e que tanto me apoiaram fazendo-se sentir sempre presentes.

Aos meus amigos e colegas que, de forma mais directa ou indirecta, me acompanharam durante este percurso incentivando-me, acreditando e confiando – os meus agradecimentos.

ÍNDICE

Introdução	1
I. Enquadramento conceptual	4
1. Satisfação Parental	4
1.1. Papel das emoções	5
1.2. Importância do sistema familiar	6
1.3. Multidimensionalidade	7
1.4. Outros contributos para uma melhor compreensão da problemática	7
1.5. Satisfação com a vida familiar	8
1.6. Satisfação conjugal	8
1.7. A adolescência/Filhos	10
1.8. Habilitações Literárias	12
2. Bonding Parental	12
2.1. Clarificação do problema	14
2.3. Problematização	15
3. Transição para a parentalidade	18
3.1. Na mulher	18
3.2. Tarefas	19
3.3. Importância da família	19
4. Evolução da Família – Sécs XVI a XIX	23
5. Relação entre as estruturas familiares e as transformações sociais do séc. XIX até aos nossos dias.	24
5.1. Durkheim	24
5.2. Simmel	27
5.3. Burgess	28
5.4. Parsons	30
5.5. Goode	31
6. A evolução do papel paterno	32
6.1. O processo na paternidade desde os anos 70.	33

II. Objectivos	38
III. Metodologia	39
1. Desenho do estudo	39
2. Participantes	39
3. Material	42
4. Procedimentos de investigação	44
5. Procedimentos estatísticos	45
IV. Resultados	46
V. Discussão	57
VI. Conclusões	71
Referências Bibliográficas	75
Anexos	

Lista de Quadros

Quadro 1: Características sócio-demográficas dos participantes.	41
Quadro 2: Médias e desvio-padrão dos instrumentos utilizados.	47
Quadro 3 Satisfação e Bonding Parental em função da Idade (Teste ANOVA).	49
Quadro 4: Satisfação e Bonding Parental em função da Situação Profissional (Teste <i>t-student</i>).	50
Quadro 5: Satisfação Parental e Bonding Parental em função do Nível Salarial Mensal (Teste ANOVA).	51
Quadro 6: Satisfação Parental e Bonding Parental em função das Habilitações Literárias (Teste ANOVA).	51
Quadro 7: Satisfação Parental e Bonding Parental em função da Conjugalidade (Teste <i>t-student</i>).	52
Quadro 8: Satisfação Parental e Bonding Parental em função ao Número de Filhos (Teste ANOVA).	53
Quadro 9: Satisfação Parental e Bonding Parental em função do Género dos Filhos (Teste ANOVA).	54
Quadro 10: Satisfação Parental e Bonding parental em função da Doença Crónica e Incapacidade Grave (Teste <i>t-studen</i>).	55
Quadro 11: Coeficiente de correlação das subescalas de Satisfação Parental e de Bonding Parental (Bravais-Pearson).	56

RESUMO

Este estudo tem como objectivo contribuir para entendimento da relação entre a Satisfação Parental e o Bonding Parental, na figura paterna

Não foram encontrados, até ao momento presente, estudos que estabeleçam a relação entre as duas dimensões propostas, o Bonding Parental e a Satisfação Parental, especialmente no que concerne a figura parental masculina.

Focamos o estudo na figura paterna, pela contínua, e cada vez mais reconhecida e valorizada importância do seu papel no desenvolvimento da prole.

Os participantes do nosso estudo foram 155 homens que, através de contacto electrónico, se disponibilizaram, de uma forma voluntária, para responder ao material colocado on line. Os instrumentos utilizados foram para lá de um questionário de caracterização sócio demografia, a **Escala de Satisfação Parental**, (ESP) (PSS – *Parent Satisfaction Scale* de Halverson e Duke, 1991, Martins & Leal (2007) e a **Escala de Bonding Parental**, (EBP) (PBI – *Parental Bonding Instrument* de Parker, Tupling e Brown, (1979), Ramos, Leal e Maroco (2006).

Destacam-se os seguintes resultados; pais com situação activa profissional revelam percepções de cuidar e de negação de autonomia e, os níveis salariais mais baixos e mais altos, exercem influencia no que diz respeito aos fardos da parentalidade e à importância da parentalidade. A percepção da negação da autonomia psicológica tem peso significativo nos pais sem situação de conjugalidade. Por fim, constatamos que a ausência de doença crónica ou de incapacidade grave, patenteia os prazeres da parentalidade, a autonomia instrumental e a negação de autonomia psicológica.

Palavras-chave: Satisfação parental; bonding parental; laços; attachment parentalidade; pai.

ABSTRACT

This study aims to contribute for the understanding of the relationship between Parental Satisfaction and Parental Bonding in the father figure.

No studies were found to date that establish the relationship between the two proposed dimensions, Parental Bonding and Parental Satisfaction, particularly in terms of the masculine father figure.

We focused the study on the father figure since its importance is continuously and more importantly recognised and valued in the development of progeny.

The study included 155 male participants who were contacted by telephone and voluntarily agreed to answer to the material made available *on line*.

The tools used were far beyond the socio-demographic characterization questionnaire, the Parent Satisfaction Scale (PSS – *Parent Satisfaction Scale* from Halverson and Duke, 1991, Martins & Leal (2007) and the Parental Bonding Instrument, (PBI – *Parental Bonding Instrument* from Parker, Tupling and Brown, (1979), Ramos, Leal and Maroco (2006).

The following results are emphasized: parents with a professional active life reveal care perceptions and autonomy denial and, the lowest and the highest wage levels influence the burden and the importance of parentality. The perception of psychological autonomy denial has a significant weight in parents without a conjugal situation. Lastly, we confirm that the absence of chronic diseases or serious incapacities reveals parental pleasures, instrumental autonomy and psychological autonomy denial.

Key-words: Parental satisfaction; parental bonding; bond; parental attachment; parent.

“Gostaria que os meus filhos se lembrassem de mim como eu me lembro do meu pai - como um homem cujas as histórias valiam a pena ser ouvidas...um homem cuja a sabedoria estava sempre disponível, um homem cujo amor podia ser sempre esperado.”

(Anthony Astrachan, 2004)

Introdução

A função parental é uma experiência emocional. Educar crianças envolve mais alegria, afecto, zanga e preocupação que qualquer outro desempenho ou esforço/endeavors. As emoções são o barómetro das relações, as emoções reflectem as avaliações dos pais quanto à forma como as interações estão a proceder e, com o tempo, como é que as relações com as crianças estão a revelar-se (Dix, 1991).

A satisfação parental diz respeito às emoções de contentamento e gratificação, no que diz respeito às responsabilidades parentais face à criança (Mouton & Tuma, 1988). As autoras Martins e Leal (2007) referem que a realização, a satisfação e o investimento andam a par, sendo que, quanto mais realizados maior satisfação existe na realização das tarefas, logo mais investimos em tarefas que nos realizem. A satisfação torna-se assim o combustível que alimenta o ciclo de realização e investimento (resultado/acção).

Cleminshaw e Guidubaldi (1980) entendem que a satisfação parental parece estar bastante relacionada com os comportamentos parentais, visto que, tanto a utilização, pelos pais, de comportamentos de reforço ou punição, como o tempo dispendido na interacção com a criança, parecem ser, de uma forma óbvia, correlacionados com a satisfação com o papel parental.

A satisfação parental é considerada um aspecto da qualidade da vida familiar. Neste sentido, a parentalidade/reprodução revela-se uma questão de escolha, à partida pensada e decidida pela satisfação que trará no desempenho do papel parental (Goetting, 1986 cit. por Martins & Leal, 2007).

Portanto, segundo Cleminshaw e Guidubaldi (1980), a satisfação parental, projectada ou actual, tem um papel mais central na determinação do casal em ser pais, e qual a extensão da família.

O bonding parental foi originalmente relacionado com a relação precoce mãe-bebé (Klaus e Kennel, 1976 cit. por Marchetto, 2006). Foi entendido como reflector dos laços emocionais entre os pais e a criança durante o processo de desenvolvimento (Stein et al., 2000 cit. por Marchetto, 2006). Entende-se como sendo um conjunto único de disposições mentais e, como um repertório comportamental, ambos dirigidos à manutenção da proximidade psicológica e física com a criança (Bowlby, 1958/1976, George e Solomon, 1999 cit. por Figueiredo, 2005). É um processo progressivo, intensificando-se ao longo do primeiro ano de vida, processo bidireccional e interactivo (Figueiredo, 2005).

Canavarro e Pedrosa (2005) referem que o sistema de prestação de cuidados tem como objectivo a protecção da criança e também se encontra associado a emoções fortes. A importância conferida à qualidade da relação precoce com as figuras parentais e ao seu impacto sobre a organização da personalidade devem ser tidos em conta (Ramos, Leal & Maroco, 2006). O Bonding - Ligação – é o investimento do progenitor para com a criança em complemento ao Attachment – Vinculação - investimento da criança para com o progenitor. Como se constata dimensões distintas.

A transição para a parentalidade é um momento de crise, revelando-se a necessidade de mudança e de transformação de um modelo relacional (Caillé, 1987; Minuchin, 1983 cit. por Lourenço, 1998). Neste processo de transição, Canavarro e Pedrosa (2005) referem a necessidade de inscrição do papel do pai, reconhecido como o terceiro elemento periférico, num lugar central, rompendo com a díade clássica mãe-bebé.

A transição para a parentalidade, no pai e na mãe, processa-se de uma forma distinta.

Neste processo, a ideia de si próprio como figura paterna, figura cuidadora, forma-se mais lentamente (Cowan & Cowan, 1985 cit. por Canavarro & Pedrosa, 2005).

Pouco se sabe sobre as emoções que os pais normalmente experimentam, quando e porquê que elas ocorrem, ou ainda as suas consequências para o exercício da função parental (Dix, 1991).

Os pais transportam, para as interacções com os seus filhos, inúmeras preocupações que eles querem promover (Dix, 1991). Isto sugere que a tendência para estar mais satisfeito com a parentalidade, é uma diferença individual variável que pode ser mais fortemente influenciada pelo próprio historial de desenvolvimento dos pais (e.g. a experiência com os próprios pais) (Kurdek, 1998). O vínculo dos adultos aos seus próprios pais é idêntico ao vínculo que estes pais estabeleciam com os seus filhos (Main et al., 1995 cit. por Brito, 2005). No mesmo sentido, a qualidade dos laços afectivos com os próprios pais predis põem-los a cuidar adequadamente do seu bebé e a manterem com ele um vínculo afectivo que, por sua vez será transmitido para a geração seguinte (Fonagy et al., 1993).

As ocupações parentais, as relações conjugais e outras fontes de stress e suporte influenciam a qualidade da parentalidade porque, por sua vez, influenciam as emoções que os pais experimentam com os seus filhos (Dix, 1991).

Perante o crescente interesse revelado pela problemática da transformação da figura paterna, sua importância e sua influência nos aspectos familiares e desenvolvimentais dos filhos, muitas questões surgem.

É grande a importância conferida à qualidade da relação precoce com as figuras parentais e ao seu impacto sobre a organização da personalidade (Ramos, Leal & Maroco, 2006). A criança, ao receber desde um período muito precoce, cuidados parentais satisfatórios e securizantes, vai poder, ao tornar-se ela própria mãe ou pai, adoptar essas mesmas atitudes para com os seus filhos (Brito, 2005). Prevenção de comportamentos de risco e de muitas perturbações mentais na infância e na vida adulta (Lebovici, 1989 cit. por Brito, 2005).

O nosso interesse, no presente estudo, tem focaliza-se em Homens-Pais, em como vivem o seu papel parental, como e em que dimensões se sentem satisfeitos com esse papel, e quais os factores que os influenciam (Martins & Leal, 2007).

Neste contexto, a presente investigação tem como objectivo principal o entendimento da relação entre a Satisfação Parental e o Bonding Parental na figura paterna - duas dimensões fulcrais no desenvolvimento humano - e ainda de que modo as variáveis individuais interferem nesta relação.

Sendo este um estudo exploratório, consideramos ser ele, ainda, um desbravar de conhecimentos que podem vir a contribuir para traçar um trilho que conduza, em extensão e em profundidade, a uma mais clara compreensão das questões da paternidade.

Abordaremos as dimensões atinentes ao tema, sendo estas a satisfação parental, o e bonding parental, contextualizando-as em temáticas que dão suporte ao seu melhor entendimento, e isto como o processo da transição para a parentalidade, e a vivência da paternidade.

I. Enquadramento conceptual

1.Satisfação Parental

A Satisfação Parental é um conceito difuso, não conciso na sua definição, sendo, de acordo com Sabatelli e Waldron (1995, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008), um conceito de difícil conceptualização. É também considerado um aspecto da qualidade da vida familiar (Martins e Leal, 2007). A Satisfação Parental é também a percepção de prazer e de gratificação, estando esta percepção relacionada com os papéis de mãe e de pai, definição proposta por Mercer (1986, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008).

Esta definição pode ainda ser utilizada para caracterizar a atitude dos pais em relação às responsabilidades inerentes à parentalidade (Sabatelli & Waldron (1995, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008). Mouton e Tuma (1988) afirmam que a Satisfação no papel parental se refere às emoções de contentamento e de gratificação, no que diz respeito às suas responsabilidades parentais face à criança, isto é, se os pais retiram prazer do seu papel parental e das responsabilidades inerentes a esse mesmo papel. Busfield (1981, cit.in Gomez, 2005) assinala que os filhos são uma fonte de satisfação emocional e dão interesse e variedade à vida. Chilman (1980, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008) revela que ambos, pais e mães, vêem a parentalidade como o aspecto mais importante das suas vidas familiares (62% mães e 62% pais) - citado por Pasley e Gecas (1984).

Ser pai implica, idealmente, educar as crianças para se tornarem adultos ajustados, auto-suficientes e socialmente competentes (Medora, Wilson, & Larson, 2001).

Martins e Leal (2007) propõem que, se for aceite a ideia de que o sentimento de realização é tanto maior quanto maior a satisfação que retiramos das tarefas em que nos envolvemos, mais investiremos nas áreas/tarefas em que mais nos realizamos, e isto como se de um ciclo se tratasse.

Cleminshaw e Guidubaldi em 1980, fazem referência ao impacto da Satisfação Parental na socialização da criança. Para os autores a Satisfação Parental parece estar bastante relacionada com os comportamentos parentais; deste modo, a utilização pelos pais, do reforço, da punição corporal etc., bem como o tempo de interacção com a criança, parecem estar, de uma forma óbvia, correlacionados com a Satisfação Parental. A satisfação torna-se o combustível que alimenta este ciclo de realização e de investimento (resultado/acção). A realização, a satisfação e o investimento andam a par. Quanto mais realizados se sentem os pais, mais satisfeitos se sentem na consecução das tarefas, o que, por si só, leva a um maior investimento no que os realiza.

1.1.Papel das emoções

Quando a figura parental é capaz de proporcionar protecção e conforto à criança, a prestação de cuidados encontra-se associada e regulada por emoções de prazer e de satisfação. No entanto, quando, e se por qualquer motivo, a prestação de cuidados não se revela de uma forma eficaz, essa mesma prestação será regulada e associada a emoções negativas como a tristeza, a ansiedade ou o desespero, e isto conforme estudo de Canavarro e Pedrosa (2005).

Theodore Dix (1991) diz-nos que a função parental é uma experiência emocional, e diz-nos também que a Satisfação Parental e as emoções positivas relativamente à parentalidade, são o coração da competência parental. Segundo o autor, educar e criar crianças envolve mais alegria, afecto, zanga e preocupação que outros esforços/endeavors. Kurdek (1998), no mesmo sentido, acrescenta que, na base da competência parental, estão sentimentos e emoções positivos sobre a parentalidade. Também Dix (1991) compara as emoções a um barómetro relacional, afirmando que estas reflectem a avaliação e o entendimento que os pais têm de como as suas interacções estão a proceder e, com o tempo, de como é que as relações com as crianças estão a revelar-se.

Dix (1991), no seu artigo, cita Frijda que afirma o seguinte:

“Emotions and feelings...constitute the organism’s concern satisfaction system. They serve the useful function of watching, guarding, and satisfying the individual’s concerns and realigning action toward satisfaction when disturb (p.371)”.

1.2. Importância do sistema familiar

Mouton e Tuma (1988) referem a importância do entendimento das disponibilidades parentais, e das capacidades que permitem o desempenho parental de forma satisfatória, querendo com isto dizer que, para a superior compreensão das dinâmicas familiares, torna-se necessário que o filho deixe de ser variável única e exclusiva, ponto de partida, paciente identificado ou de análise e passe a integrar a equação familiar.

A Satisfação Parental, como dissemos anteriormente, é considerada um aspecto da qualidade de vida familiar. A parentalidade é pensada e decidida pela satisfação que trará no desempenho do papel parental. A parentalidade é igualmente uma questão de escolha (Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008).

Também a Satisfação Parental, projectada ou actual, tem um papel mais central na determinação do casal em ser pais, e ainda na sua decisão quanto à extensão da sua família (Cleminshaw & Guidubaldi, 1980). No mesmo sentido, estes autores referem que o compromisso com a educação e o com o desenvolvimento da criança tornou-se um assunto que implica uma decisão consciente e voluntária, assunto esse que deve ser sujeito a uma análise cuidadosa, e isto tendo também em conta que o controlo da natalidade e o aborto se tornaram meios de controlo da fertilidade.

Bárcia e Veríssimo (2008), no seu artigo referem que, na transição para a parentalidade, a adaptação às tarefas que lhe são inerentes implicam uma adaptação. A Satisfação Parental e a auto-eficácia variam ao longo do ciclo da vida, sendo que o primeiro ano é o mais stressante para os pais. O suporte emocional, em particular do companheiro, as divisões de tarefas e cuidados relativos ao bebé está relacionado com o sentido de competência da mãe. Do mesmo modo o suporte social permite às mães adaptarem-se de uma melhor forma ao seu novo papel. Referem ainda que o apoio que os novos pais têm dos seus pais (avós) é da maior importância para a Satisfação Parental. Os avós vão servir de modelo para o relacionamento e para a vinculação com o novo membro da família, o bebé.

1.3. Multidimensionalidade

Sabatelli e Waldron em 1995 (cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008) referem que o conceito de Satisfação Parental é multidimensional, pelo que se torna de difícil conceptualização, o que pode levar a compromissos na validade dos resultados.

Percorrendo a bibliografia consultada referente à Satisfação Parental, vários temas lhe surgem associados. Martins e Leal (in press) corroboram a afirmação anterior, afirmando ainda que a clarificação do conceito de Satisfação Parental é pertinente e urgente. Henry e Peterson (1995) constataam que a problemática da multidimensionalidade e a sua difícil conceptualização reveladas na literatura, se deve ao facto de a Satisfação Parental ser tratada como uma componente de conceitos mais abrangentes como os de Satisfação Conjugal ou Familiar (Campbell, Converse, & Rodgers, 1976; Glen, 1990; Veroff, Douvan & Kulka, 1981 cit. por Henry & Peterson, 1995) ou ainda o de Bem-Estar Parental (Umberson & Grove, 1989 cit. por Henry & Paterson, 1995).

1.4. Outros contributos para uma melhor compreensão da problemática

Assim Lawoko (2007) aborda, no seu artigo, os factores que influenciam a Satisfação e o Bem-Estar de pais de crianças que sofrem de doenças cardíacas congénitas. O autor conclui que a interacção entre as percepções da doença cardíaca congénita, os recursos psicossociais e a vulnerabilidade social podem ser tidos em conta no Bem-Estar de pais de crianças com Doença Cardíaca Congénita (PCCHD). Estes mesmos factores podem explicar as diferenças na Satisfação dos pais com o Cuidado.

Ainda na área da prestação de cuidados de saúde, Petersen, Scherwath, Kruithoff e Koch (2005), num estudo que descreve e analisa a prática corrente nos cuidados posteriores a um traumatismo cerebral mediano, em crianças e adolescentes, chegaram à conclusão de que a comunicação entre os técnicos de saúde deverá ser melhorada. E isto apesar de o comportamento do médico responsável ser particularmente importante no grau de Satisfação Parental quantos aos serviços de saúde. Continuando a ter como pano de fundo a prestação de cuidados de saúde e a comunicação, Hong, Murphy e Connolly (2008) referem que, quando se vai ao encontro das necessidades dos pacientes de uma forma cuidada, por parte dos enfermeiros, a satisfação do paciente e dos familiares pode ser otimizada.

1.5. Satisfação com a vida familiar

Na Satisfação com a Vida Familiar, Zabriskie e McCormick (2003) constataam que o envolvimento no entretenimento familiar foi o mais forte preditor multivariado da Satisfação Familiar na perspectiva dos pais, mas não na perspectiva dos filhos.

Freysinger (1994) aborda a relação dos papéis parentais e do entretenimento com crianças, com as diferenças de género. O estudo revela que as diferenças de género são factores que influenciam a satisfação com o papel parental (paterno).

Perrone, Webb e Jackson (2007), na relação entre o Attachment Parental e a Satisfação com o Trabalho e com os Papeis Parentais, bem como a relação destes com a Satisfação com a Vida, constataam que a Satisfação com o Trabalho e com o Casamento, mas não o Attachment Parental, foram relacionadas de uma forma significativa, com a Satisfação com a Vida. Ou seja: as relações de Attachment Parental afectam a Carreira, o Casamento, a Parentalidade e a Satisfação com a Vida de várias e complexas maneiras.

O facto de as mães poderem optar pela actividade profissional provoca maior satisfação parental (Lerner & Galambos, 1985; Goetting, 1986 cit. por Bácia & Veríssimo, 2008). A parentalidade é reforçada pelo sentimento de realização em outras tarefas (Hoffman, 1989 cit. por Bácia & Veríssimo, 2008).

Relativamente ao rendimento auferido, Ward e col. (1999) referem que as funções que dependem da regularidade e quantidade de trabalho existentes não se revelam um factor que contribua para a satisfação parental.

1.6. Satisfação Conjugal

O estado civil pode exercer influência na Satisfação Parental (Goetting, 1986 cit. por Bácia & Veríssimo, 2008; Perrone, Webb & Jackson, 2007).

Relativamente à Satisfação Conjugal, os autores relacionaram-na com o Attachment e a Parentalidade (Möller, Hwang & Wickberg, 2006), examinando as associações entre os estilos de attachment e as relações de conjugais, e isto depois da transição para a parentalidade.

Constataam que os estilos de attachment predizem, de uma forma significativa, a insatisfação na relação conjugal na segunda vez em que são pais, mas não na primeira vez.

A satisfação conjugal apresenta um menor declínio, quando mãe beneficia do apoio do cônjuge, e a satisfação conjugal tem, como reflexo, uma relação de vinculação mais segura com o bebé (Isabella & Belsky, 1985 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008).

Lee e Doherty (2007) relacionam também a Satisfação Conjugal com o Envolvimento Paterno, durante a transição para a Parentalidade. Segundo os autores, a Satisfação Conjugal dos pais (homens) e o seu envolvimento paterno estão positivamente relacionados, e afirmam ainda que o estatuto profissional das mães e as atitudes dos pais face ao envolvimento parental, são importantes moderadores.

Ruth Feldman (2000) examina as determinantes do Envolvimento Parental, a convergência dos pais na Satisfação Conjugal, e os comportamentos interactivos dos pais e das mães em famílias em que ambos pais estão empregados, durante a transição para a parentalidade. A autora constata que as associações diferenciais entre a relação conjugal e a relação entre os pais e a criança - para as mães e para os pais - apontam para a importância que tem o envolvimento instrumental paterno, nos cuidados da criança, para desenvolvimento da função paterna.

A Personalidade, os Valores Sociais e a Satisfação Conjugal, no estudo de Aluja, Barrio e Garcia (2007), revelam-se como preditores dos Estilos de Educação Parental. Estes estilos de educação parental, quando definidos pelo carinho e pela aceitação, relacionam-se com traços de personalidade como responsabilidade e estabilidade emocional, elevada satisfação conjugal e preferência por valores pró-sociais. Por outro lado, os estilos de educação parental, de superprotecção e de favoritismo, relacionam-se com pouca amabilidade e baixa abertura. O baixo ajustamento do casal está relacionado com falta de coesão e de valores sociais definidos pela falta de benevolência e pela preferência por valores de prestígio social.

Para avaliar os factores pessoais e profissionais associados à Satisfação Conjugal e Parental nos médicos, Warde, Moonesinghe, Allen e Gelberg (1999) concluíram que minimizar o nível dos conflitos e ter um cônjuge que dá garante e suporte, está associado a elevados níveis de Satisfação Conjugal e Parental, bem como a relevância do nível salarial e ainda facto de o cônjuge trabalhar ou ficar em casa “stay-at-home parent”. Tudo isto está associado à elevada Satisfação Parental.

Myhr e col. (2004) referem que o estatuto conjugal é um factor securizante para homens e mulheres.

1.7. A Adolescência/Filhos

Segundo Henry e Peterson (1995) as pesquisas da Satisfação Parental tiveram, como primeiro foco, as relações que envolviam crianças. Goetting (1986, cit. por Bàrcia & Veríssimo, 2008) refere que os pais apresentam maiores níveis de satisfação com os filhos quando estes são pequenos, e menores níveis quando são adolescentes e adultos. Henry e Peterson (1995) referem ainda que poucas investigações examinaram a Satisfação Materna e Paterna relativamente à adolescência, (Henry et al., 1991; Hoffman & Manis, 1978; Koski & Steinberg, 1990; Simons et al. 1993). Os mesmos autores, constata, e citam, que nas décadas de 80 e 90, a Satisfação Parental é um aspecto distinto da Satisfação da Vida Familiar (Henry, 1987; Ishii-Kuntz & Ilhinger-Tallmen, 1991) e que a Satisfação Parental está relacionada como o aumento da Satisfação com a Vida (Guidubaldi & Cleminshaw, 1985; Meredith, Cacioppo, & Stinnett, 1983), com a elevada Satisfação Conjugal (Guidubaldi & Cleminshaw, 1985), com menor Violência Familiar (Meredith, Abott, & Adams, 1986), com o aumento do ajustamento em crianças de famílias divorciadas (e.g. Guidubaldi, Cleminshaw, Perry, Nastasi, & Lightel, 1986), e com maior efectividade nos papeis parentais (Devall, 1991; Kochanska, Kuczynski, & Radke-Yarrow, 1989; Simons et al., 1993).

Shek (2008) analisa os preditores da Satisfação Parental percebida e o controlo parental em adolescentes chineses, ao longo de três anos. Verifica que a confiança mútua entre pais e filhos adolescentes e a prontidão com que estes adolescentes comunicam com os pais, está relacionada com a satisfação parental percebida, e com o (comportamento) controlo parental. Embora a rapidez de comunicação com os pais e a confiança mútua entre os pais e os adolescentes sejam preditores de satisfação percebida com o (comportamento) controlo parental, (e as suas mudanças ao longo dos tempos) a confiança mútua foi o preditor mais forte.

Kurdek (1998) tenta aceder aos factores preditores da Satisfação Parental nos pais e mães, e constata que a instrumentalidade paterna, no primeiro ano, se torna preditora da Satisfação Parental no oitavo ano de vida da criança, e constata ainda que a expressividade

materna, no primeiro ano, é igualmente preditora de Satisfação Parental no oitavo ano de vida da criança.

As dimensões da competência social dos adolescentes e as qualidades parentais foram examinadas como preditoras da Satisfação Parental (Henry, & Peterson, 1995). Para os autores o suporte parental foi o preditor mais forte, enquanto que o uso do controlo racional só teve relação com o bem-estar do pai. As percepções da competência social dos adolescentes evidenciam assim algumas diferenças entre mães e pais na Satisfação Parental.

Medora, Wilson, & Larson (2001) estudaram as atitudes percebidas de mães de diversas etnias, com baixo rendimento, face às práticas parentais, ao abuso potencial sobre a criança e à Satisfação Parental. Constata-se neste estudo que as estratégias parentais, quando utilizada a razão, estão positivamente correlacionadas com a Satisfação Parental.

Durante a adolescência, que é considerada uma fase de difícil transição e em constante adaptação, os sentimentos de satisfação com os papéis parentais alternam com o stress vivido pelos pais (Pasley & Gecas, 1984).

Henry e Peterson (1995) referem que pais e mães apresentam maior satisfação quando os seus filhos adolescentes são vistos a estabelecer os seus direitos com base em normas sociais, e a tomar decisões importantes sobre assuntos da vida (legítima influência), e ainda quando correspondem às expectativas dos pais. Mas no que concerne à autonomia dos jovens, nem pais nem mães revelam Satisfação Parental, não existindo portanto relação. Concluem ainda os autores que a satisfação paterna, mas não a materna, está ligada, de uma forma mais extensiva, no que se refere à manutenção das suas posições de autoridade, na relação pais-jovens.

Na Satisfação Parental materna são comparados o locus de controlo, o stress e o índice de satisfação no papel parental, numa amostra clínica e de controlo. Daí resulta que as mães da amostra clínica revelam locus de controlo externo, stress parental e menor satisfação no seu papel parental, do que as mães do grupo de controlo (Mouton & Tuma, 1988).

Lerner e Galambos (1985) testaram a hipótese de que a relação entre a satisfação no papel parental e o ajustamento da criança é mediada pela qualidade da relação mãe-criança. O que se constatou foi que as mães que estavam insatisfeitas com os seus papéis parentais, revelaram maior rejeição da criança e que, por sua vez, tinham crianças mais difíceis.

O género dos filhos é um factor que influencia a satisfação parental (Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008). Pais (pai) de rapazes revelaram maior intrusividade negativa do que pais (pai) de raparigas, e isto relativamente aos comportamentos parentais precoces. Por vezes o modo e o comportamento paterno acabam por ser uma questão de género; o pai por vezes é mais “agressivo” (Barnett et al., 2008) com os filhos, e isto sendo quase como que uma forma de masculinização dos rapazes, sendo, no entanto, mais suave com as filhas. Lamb (1992), diz-nos que as características do pai, tais como a masculinidade, têm um papel secundário relativo ao calor e à proximidade na relação com o filho.

Quanto à presença ou ausência de doença crónica ou incapacidade grave constatamos que a experiência se torna mais difícil quando o pai (ou a mãe) acompanham a deterioração e o sofrimento do filho (Wood & Milo, 2001 cit por. Spector, 2006). A parentalidade de uma criança com esquizofrenia, hipótese formulada por Davis e Schultz (1998, cit por., Spector, 2006), pode ser equivalente ao luto (grief) parental, vivenciado como uma sensação contínua de perda. Mouton e Tuma (1988), referem um estudo com mães de crianças com perturbações. Estas mães exibem um elevado nível de stress, tirando deste modo pouco prazer na sua função parental.

1.8. Habilitações Literárias

Os resultados são controversos. As habilitações literárias, tanto contribuem para a satisfação parental (Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008), como, antes pelo contrário, como Mercer (1986, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008) refere se relacionam com níveis de satisfação mais baixos.

2. Bonding Parental

O Bonding Parental foi originalmente relacionado com a relação precoce mãe-bebé, segundo Klaus e Kennel em 1976 (cit. por Figueiredo, 2005). Os mesmos autores introduziram o termo para nos dar conta de “um vínculo único, específico e duradouro, que se estabelece desde os primeiros contactos entre a mãe e o bebé”, nos momentos que se seguem ao parto. Estes são momentos críticos na formação do bond/laço, que é facilitado pela adequação do sistema hormonal da mãe e pela presença do bebé, imprescindível à sua elicitação (Figueiredo, 2005).

Winnicott, em 1956 (cit. por Brito, 2005), dá-nos conta de uma disposição particular, nos momentos a seguir ao parto, caracterizada por uma elevada preocupação por parte da mãe com o bem-estar do bebé, e com a correcta identificação das suas necessidades físicas e psicológicas, garantindo a satisfação imediata e adequada das suas necessidades, e acautelando o bom desenvolvimento do bebé. No mesmo sentido, Isabel Brito (2005) afirma que a capacidade de antecipação materna e de imaginar sobre a criança - que se relaciona com o investimento da mãe na criança - permite a esta evoluir e adquirir o sentimento de existir de uma forma contínua. Isto porque o Outro-significativo proporciona à criança espaço (espaço mental), onde a esta pode existir, e existirá sempre num investimento contínuo. É afirmado também que o contacto/toque, nos primeiros dias após o parto, favorece o envolvimento emocional entre a díade, assim como as interacções adequadas que propiciam um desenvolvimento desejável da criança.

Outros autores como Bowlby (1958/1976), e George e Solomon (1999), citados por Figueiredo (2005), contribuíram para o entendimento do conceito Bonding ao caracterizá-lo como um conjunto único de disposições mentais e por um repertório comportamental, ambos dirigidos à manutenção da proximidade psicológica e física com a criança, imprescindíveis à sua sobrevivência.

Winnicott (1956, cit. por Figueiredo, 2005) refere que a preocupação com a segurança e o bem-estar do bebé, constrói um vínculo único e selectivo que propicia o investimento emocional e a ainda criação de um espaço mental que o bebé ocupa no universo representativo dos pais (Stern, 1995 cit. por Figueiredo, 2005).

O processo de construção do Bonding é progressivo, intensificando-se ao longo do primeiro ano de vida, sendo este um processo bidireccional e interactivo. A vinculação materna é proporcional à clara escolha pela criança, da sua mãe como figura/objecto privilegiado nas suas relações, o que proporciona, como afirmado anteriormente um processo progressivo, bidireccional e interactivo (Figueiredo, 2005).

A mãe desenvolve determinadas disposições internas, designadas por vinculação materna ou *maternal attachment* (George & Solomon, 1999 cit. por Figueiredo, 2005), que propiciam a proximidade com o recém-nascido e asseguram a sua sobrevivência. O bebé tem também participação neste evento, na medida em que põe em acção uma vasta gama de comportamentos que desencadeiam respostas instintivas da mãe - desencadeadores sociais (Bowlby, 1990) – que impulsionam a importante função de ligar o bebé à mãe, e de ligar a mãe ao bebé.

Figueiredo (2001, 2003 cit. por Figueiredo, 2005) fala-nos dos efeitos inevitáveis ao nível da vinculação em ambos os sentidos, na díade. Isabel Brito faz menção das competências das crianças que também produzem a vinculação por parte da mãe – uma ligação forte da mãe à criança.

2.1. Clarificação do conceito

O Bonding começou por ser entendido como reflector dos laços emocionais entre os pais e a criança, no processo desenvolvimental (Stein et al, 2000) citado por Marchetto (2006)

Será importante o esclarecimento relativo aos conceitos de Bonding ou Laço/Ligação e Attachment ou Apego/Vinculação visto que, ao revermos a literatura relativa às temáticas em questão, verificamos existir uma dificuldade de entendimento e de distinção destes dois conceitos.

Notámos que, por vezes, o termo Bonding se dissolve, dando lugar ao termo Attachment, como por exemplo, *maternal attachment* (George & Solomon, 1999 cit. por Figueiredo, 2005).

No artigo de Ramos, Leal e Maroco (2006) esta distinção é clara, sendo que a distinção é feita na medida do sentido do investimento (investidor e investido).

Bonding ou Ligação corresponde ao investimento do progenitor na criança. Attachment corresponde ao investimento da criança no progenitor. Deve-se ter em conta, contudo, que, como acima referido, os dois conceitos estão em interligação e interactividade.

Canavarro e Pedrosa (2005) revelam que, tal como o sistema de vinculação, o sistema de prestação de cuidados tem como objectivo a protecção da criança e encontra-se também associado a fortes emoções.

O bebé, neste processo, procura então a segurança e a capacidade de protecção oferecida pela figura parental que proporcionará ao bebé a gestão das suas emoções e a regulação dos seus estados emocionais (Ainsworth et al., 1978; Soares, 2001 cit. por Canavarro & Pedrosa, 2005).

Lopez, Melendez e Rice (2000), a propósito deste aspecto, referem que, na abordagem contemporânea da teoria do attachment, em que se abordam a relação entre estas duas dimensões, existem estudos que suportam que, pessoas com relações adultas de orientação de attachment seguro descrevem tipicamente as suas relações precoces com os pais, como calorosas, positivas e de suporte. E isto contrariamente ao attachment inseguro. Neste caso, os bonds/laços emocionais são lembrados como menos calorosos e mais conflituosos, controladores e invasivos.

Figueiredo (2005) indica que, mães que têm uma representação segura da vinculação - dado que se observa na capacidade não só de um maior envolvimento emocional, como ainda, de estabelecer interações mais adequadas com o bebé – contribuem para o melhor desenvolvimento do bebé (Halft e Slade, 1989 cit. por Figueiredo, 2005).

A orientação de attachment seguro demonstra, de uma forma consistente, funcionamentos superiores, através de uma variedade de ajustamento indexados, incluindo: melhor relação de confiança e de satisfação, melhor aproximação em relação aos problemas, que realiza de uma forma construtiva e colaborante, revelando elevados níveis de capacidade de compromisso na relação, e ainda poucas emoções negativas, e menos angustia/sofrimento sintomático (Figueiredo, 2005).

2.2. Problematização

O cuidado materno e paterno, o bonding, no estudo de Chen e Mallinckodt (2009), foi negativamente associado com o attachment ansioso. Os autores referem que um corpo substancial de investigação sugere que o ajustamento emocional, em adultos, está associado a memórias de bonds/laços emocionais com os pais. Afirmam ainda, no mesmo sentido, que o attachment evitante corresponde a um modelo negativo de trabalho e é associado ao medo de intimidade. Para os autores, o attachment ansioso corresponde a baixa auto-estima e a medos crónicos de abandono, em relações próximas.

Perry e colegas (2009 cit. por Chen & Mallinckodt, 2009) afirmam que um bonding parental pobre prediz um auto-conceito negativo, baixa auto-estima, locus de controlo externo, e baixo entendimento do próprio.

Assim sendo, bonding surge-nos então como pedra de suporte de um sistema que se entende como dinâmico, interactivo, interdependente, e bidireccional, e ainda que propicia o superior desenvolvimento e bem-estar da criança e sua transformação num adulto autónomo em todas as suas dimensões, e capaz de relacionamentos consistentes e contingentes.

Disrupções no processo básico entre os cuidadores e a criança, produzem estruturas vulneráveis (Ingram & Riter, 2000). A disrupção pode existir, segundo Parker e col. (1979), quando se verifica tanto a falta de cuidar, como a ultra-protecção.

Os problemas experienciados ao nível do bonding parental também são associados a perturbações da personalidade. Assim, os pais que não providenciam o cuidar ou são ultra-protectores, levam a que o processo básico de bonding seja interrompido, instalando-se a vulnerabilidade, as estruturas negativas do self, e ainda estados psicopatológicos ou mesmo psicopatologia, (Ingram & Riter, 2000).

Cox, Enns e Clara (2000) referem que a falta de cuidar parental foi e está relacionada, em particular, com desordens de humor e de ansiedade. Marchetto (2006) refere no seu artigo a influência do controlo afectivo, enquanto factor de risco, relativamente a uma série de desordens.

Lembranças de cuidado e comportamentos parentais não intrusivos são, de uma forma significativa, negativamente associados à prevalência de humor e ansiedade em jovens adultos, segundo Geertjan Overbeek e colegas (2004). Adiantam os autores, ainda, que as experiências de indisponibilidade ou insensibilidade dos cuidadores podem levar a percepções de si próprios como indignos e não merecedores de amor, e ainda à percepção dos outros como indisponíveis emocionalmente e não contingentes e “responsivos” (Kenny & Rice, 1995).

Os traços de comportamento anti-social, em homens, foram associados ao baixo cuidar materno e à elevada restrição comportamental paterna. Nas mulheres com traços de comportamento anti-social, denota-se baixo cuidar paterno e elevada negação de autonomia psicológica materna (Reti et al., 2002).

A experiência do divórcio parental, segundo Lopez e colegas (2000), parece ter um impacto adverso nas memórias do bond precoce, mas não na orientação actual do attachment.

No que diz respeito à auto-eficácia, Scott e Mallinckrodt (2005) constataram que elevados níveis de controlo intrusivo foram associados, negativamente, de uma forma significativa, com a auto-eficácia, o que revela que bonds emocionais negativos podem provocar danos ao desenvolvimento do sentido de auto-eficácia.

Bogaerts e colegas (2005) revelam-nos que este bond é um dos aspectos da interacção precoce pais-bebé que tem sido investigado como um possível precursor de uma relação de attachment seguro na infância. Lichtenstein e colegas (2003) corroboram esta afirmação, acrescentando que os estilos parentais exercem efeito no estilo individual de attachment, na vivência.

Reunindo algum consenso em relação às afirmações anteriores, verificamos que os estilos parentais, durante a infância e a adolescência, contribuem, de uma forma significativa, desde os primeiros anos de vida, para uma interacção parental sensível com a criança, que se revela calorosa e facilitadora de autonomia, por forma a reconhecer as suas necessidades e para o estabelecimento do bond pais-criança, enfatizando deste modo o significado das principais dimensões do Bonding que são o cuidar e hiper-protecção (Parker, Tuplin, & Brown, 1979).

As investigações sobre as percepções do bond pais-criança, têm revelado que a aceitação dos pais e o encorajamento da autonomia dos filhos estão relacionados a estilos de apego seguro, em jovens adultos (Carnelly et al., 1994; Feeney and Noller, 1990; cit. por Overbeek et al., 2004).

Lopez, Melendez e Rice (2000) referem no seu artigo que, a qualidade dos laços/bonds emocionais precoces com os primeiros cuidadores, servem como modelo/template para dar sentido à orientação do attachment nas relações próximas, durante a adultícia. Esta é uma suposição básica da teoria de attachment (Bowlby, 1969/1982, 1988).

Um factor que se revela determinante no desenvolvimento e bem-estar da criança é o investimento emocional dos pais, investimento este que se torna um elemento decisivo na qualidade dos cuidados e da interacção que providenciam ao bebé (Klaus & Kennell, 1976; Klaus & Kennell, et al., 2000; Robson & Moss, 1970; Stern, 1995 cit. por Figueiredo, 2005).

3. Transição para a parentalidade

A transição para a parentalidade é um momento de crise. Ao falarmos de crise, pensamos na necessidade de mudança e de transformação de um modelo relacional, o que implica alguns riscos de patologia ou disfuncionamento (Caillé, 1987; Minuchin, 1983 cit. por Lourenço, 1998).

As crises são marcadoras do fim de uma etapa de um ciclo, e do começo de outra etapa, e requerem uma mudança de nível de funcionamento de um sistema (Lourenço, 1998).

No entanto, é importante referir que o conceito de crise não é sempre algo de negativo, “*é ocasião de crescimento, sabendo que crescer não é indolor*” (Lourenço, 1998).

Figueiredo (2005) descreve que homem e mulher estão sujeitos a estas transformações. Para a autora o reavaliar das relações torna-se um passo importante na transição da parentalidade. É um processo comum ao homem e à mulher.

3.1. Na mulher

Na mulher denotam-se uma série de transformações, não só a nível interno/externo, mas, tal como no homem, é um reencontro consigo própria(o) nas dimensões das identidades sexual e materna/paterno; é ainda um reencontro com o seu papel com os pais (presente e passado) bem como com o companheiro(a), e com filhos, se já os tiver. E isto com vista a estabelecer um comportamento materno/paterno adequado. No fundo trata-se de uma revisão/reavaliação das relações. Com esta revisão /reavaliação observam-se aquisições desenvolvimentais no que diz respeito à identidade, intimidade e sexualidade (Figueiredo, 2005)

Diz ainda a autora que uma das tarefas que a mãe deverá realizar, durante a gravidez, é a de definir uma identidade materna própria, para criar um comportamento materno adequado perante o bebé. A criação deste espaço de acção necessário aos cuidados e a uma interacção adequada, passa pela reavaliação da relação com os pais - no caso da mulher, a mãe, e do homem, o pai - , o que implica uma separação e construção de uma identidade materna e paterna diversa.

Continuando a citar a autora, ao longo do processo gravídico, são construídas representações da mulher como mãe e ainda representações do seu bebé, e isto a partir da relação que a mulher tem com ela mesma e com a sua própria mãe.

No homem, a futura paternidade é vivida como reparadora dos próprios imagos parentais, através de "*um modelo ideal de relacionamento pai-filho...*", segundo Gomes e Resende citado, por Levandowski e Piccinini (2006).

3.2. Tarefas

Regressando a Figueiredo (2005), verificamos que, no fundo, as tarefas do casal nesta transição, passam por rever os papéis e os modelos de interacção observados com e entre os pais, a reorganização do relacionamento/comunicação do casal com o novo membro, e a preparação para a tarefa conjunta da parentalidade, e isto tendo em conta as consequências que daí advêm, tais como a diminuição da proximidade entre o casal e de sentimentos amorosos, o aumento dos conflitos, e ambivalências do casal.

Para a autora, os papéis parentais tornam-se opostos dos papéis sexuais, sendo difícil a sua conciliação, pois a actividade sexual decresce durante e após o parto.

3.3. Importância da Família

A família de origem torna-se importante neste momento, dando-se uma (re) aproximação por parte dos futuros pais - rede de suporte, como resposta às questões da parentalidade. O bebé exige uma série de disposições imediatas, e estas são geradoras de stress para os novos pais e respectivas famílias. A transição para a parentalidade pode ser também um momento reparador na identidade pessoal e parental (Figueiredo, 2005).

Bayle (2005) refere que, se a teoria da vinculação foi importante para o entendimento do desenvolvimento do indivíduo e da sua personalidade, a família é considerada o pilar necessário ao bom equilíbrio pessoal e social, sendo a ligação entre o interior e o exterior, o berço da relação entre o Eu e o Outro.

Segundo Maria Catarina Varela (2006) a família é “um conjunto de pessoas que partilham o mesmo espaço habitacional estando unidas por laços de parentesco, e cujos membros adultos têm a responsabilidade de cuidar das crianças” e “que se afirma como uma instituição universal que se encontra em permanente transformação e que ainda reflecte hoje claramente a complexidade da sociedade actual.”

A família conjugal, segundo a entendemos nos nossos dias, é um produto de várias transformações e, se nos é permitido referir, de adaptações às vicissitudes da evolução, per si. Muitos estudaram a família, os tipos de centramento e as suas constantes mudanças, tentando estabelecer um modelo de família conjugal congruente com a realidade que se lhes apresentava. Para tal, avaliaram dimensões históricas sociais, psicológicas, económicas, culturais, políticas, religiosas entre outras. A mesma autora diz-nos que “De instituição a preservar a qualquer custo, o casamento tornou-se, tendencialmente, numa relação que dura enquanto se mantiver compensadora para quem nela está envolvida,” (Varela, 2006).

Tal como se veio a assistir, com a transformação da família conjugal, outros valores e direitos surgiram como produtos de transformações que nos parecem inevitáveis, de uma forma global. O divórcio é uma delas. Com ele, homens e mulheres passam a ter direitos iguais, na família, pelo menos de uma forma teórica (atenção ao meio social dos actores da conjugalidade).

A conjugalidade e o divórcio estão ligados. Ao definir o conceito, de conjugalidade, “a partir dos recursos dos actores, dos modelos normativos e das práticas e das representações que se podem captar através da análise dos seus discursos” (Torres, 2002), a mesma autora refere que o processo de ruptura revela constrangimentos que definem a própria conjugalidade. Anália Torres (1987) avança ainda a hipótese de mudança no modelo de organização familiar, como explicação da ruptura.

Hoje, no modelo de família socialmente dominante, reforçou-se a defesa da intimidade e destacam-se ideais de cooperação, de solidariedade e a prevalência da qualidade dos laços afectivos dos seus membros (Ribeiro et al., 1992). A centralidade das relações afectivas, valorizando a importância das relações familiares e conjugais para o bem-estar individual, traduziu-se, igualmente, na aceitação da procura de caminhos que visem esse bem-estar (Torres, 2002). Se no passado a relação conjugal era coincidente com a relação parental, agora não é necessariamente assim.

Não podíamos deixar de falar nas crianças, actores também neste teatro de relações que é a família, a mais importante das instituições sociais humanas. A família, com efeito, é o local onde quase todos realizamos processos de socialização, onde aprendemos as dimensões mais significativas da interacção, e onde satisfazemos necessidades fundamentais e de cidadania. Como é que estes modelos de organização familiar influenciam o exercício da parentalidade? – Que herança é recebida pela crianças?

A função instrumental da criança, contribuinte para o rendimento familiar e cuidadora e protectora dos pais na velhice, dissolveu-se no ideal de uma infância protegida. Assim sendo, a criança passa a ocupar um lugar privilegiado e mais protegido, sendo investida educacional e afectivamente (Almeida et al., 1998). As relações hierárquicas e distantes entre pais e filhos tendem a dissolver-se numa cumplicidade afectiva, simétrica e comunicacional recíprocas. A criança ocupa um lugar central nos afectos do universo familiar, fruto do amor dos pais. A criança passa a ser encarada como ser único, vulnerável e merecedor de carinho e protecção (Almeida, 2003).

A par destas alterações verifica-se a crescente presença das mulheres no mercado de trabalho, com grande impacto nas estruturas e nas relações familiares (Almeida et al., 1998). A família, numa perspectiva sistémica, é definida como um sistema composto por unidades/relacionais. Cada uma destas unidades (subsistema) é caracterizada por interacções particulares, relacionadas com os indivíduos nela envolvidos, com os seus papéis realizados e estatutos ocupados, com as finalidades e objectivos comuns e, por fim, com as normas transaccionais que se vão progressivamente construindo (Relvas, 1996).

A família é então caracterizada por vários subsistemas: o individual (composto pelo indivíduo, que para além do seu envolvimento no seio do sistema familiar, desempenha, noutros sistemas, funções e papéis que interagem com o seu desenvolvimento pessoal, e consequentemente, com o seu posicionamento familiar); o conjugal (abrangendo o marido e a mulher, o casal); o parental (com funções executivas, tendo a seu cargo a protecção e educação das gerações mais novas e que, na maior parte das vezes, é constituído pelos pais); o fraternal (composto pelos irmãos, e que tem funções específicas relativamente ao “treino” de relações simétricas) (Relvas, 1996).

A família conjugal revela-se um ponto nevrálgico no desenvolvimento das relações de ruptura, das relações parentais e do exercício da individualidade e da cidadania que é tão essencial.

Ser pai, nasce da ideia de se ter um filho. É um processo gradual e dinâmico. Tanto pais como filho crescem juntos, desenvolvem-se juntos. Aprendem a ser filhos, aprendem a ser pais. Nos futuros pais acontecem um conjunto de transformações que têm como objectivo preparar a chegada deste novo ser, e ainda cedências, negociações e objectivos de vida. É uma altura em que se pensa nos papéis que vão desempenhar, os papéis parentais, e para isso todos os valores, costumes, hábitos e práticas educativas de cada um dos futuros pais é revisto. São duas famílias, duas histórias, duas heranças que vão passar.

O desenvolvimento da criança passa pelos pais (ou seja na sua vivência e nos seus exemplos, e pelo modo como os pais se relacionam entre si e com o mundo). Estas vivências construídas através de referências, emocionais, psicológicas e sociais que a criança absorve de forma a ter “instrumentos” para estar no mundo onde está inserida, e para ela esta é a sua verdade.

É necessário recordar que, muitas vezes, só a partir do século XIX é que a criança conquista o seu lugar, conseguindo tempos e espaços que são congruentes com as suas capacidades e necessidades, despindo-se de uma adultícia (agora considerada precoce) e dos deveres e direitos que lhe são investidos. Segundo Catarina Tomás e Diana Fonseca (2002), começam a constituir-se como "um grupo social", o grupo dos infantes. As crianças eram pequenos adultos, com os deveres e direitos que os consagravam, sendo na família a única responsável pela sua protecção e defesa, visto que a noção de responsabilidade social e jurídica não existia. Muito se conquistou até aos dias de hoje. Com efeito, hoje, devem ser proporcionadas, às crianças e jovens, possibilidades para desenvolverem e adquirirem as ferramentas necessárias que lhes permitam poder agenciar a sua própria vida, de uma forma autónoma, participando activamente na sociedade que as rodeia, sendo os pais, e a família esse veículo.

4. Evolução da Família - Sécs. XVI a XIX

No seu artigo (Bayle, 2005), a mesma autora apresenta as várias transformações que a família foi sofrendo ao longo dos tempos, desde os séc. XVI, em que a família estava aberta ao exterior, relacionando-se com os membros da família alargada e vizinhos, e sem privacidade. Era ainda a família caracterizada como autoritária, e restrictora das emoções, e que considerava que a sexualidade como um fim para a reprodução.

No séc. XVII surge a família patriarcal restrita, independente dos parentes e do exterior. A expressão das emoções cresce, apesar da existência de um forte poder paternal.

A família nuclear doméstica, fechada, no séc. XVIII, aparece com fortes laços emocionais, individualizada relativamente à família alargada e com preocupações com a educação dos filhos. A escolha do cônjuge começa a ser feita em função do afecto - Amor Romântico. A acompanhar as transformações da Família está a Parentalidade.

Na sociedade burguesa do séc XIX, é retirado ao Pai o carácter Divino e Simbólico, com a introdução de um contracto entre o casal. A autoridade paterna é revalorizada, mas com possibilidade de sanções se o incumprimento for revelado, pois o pai passa a ter obrigações morais, podendo ser destituído, por falta de cumprimento.

5. Relação entre as estruturas familiares e as transformações sociais do séc. XIX aos nossos dias.

As transformações na esfera social têm consequências e reflexos nas estruturas familiares e no modo como se vive e pensa a família, não descurando no entanto, segundo Torres (2001) “a presença de fenómenos de interinfluência e não de causalidades unívocas”. Desde o século XIX até aos nossos dias, a família foi sofrendo alterações nos modelos de organização familiar, sendo todos eles importantes neste processo evolutivo. São Modelos/Perspectivas que reflectem políticas sociais em vigor e sendo que “A diversidade destas perspectivas, é por si só, indicativa de que a escolha de uma delas tem como consequência um olhar específico sobre o real.” (Torres, 2001).

5.1. Durkheim

No século XIX, em França, Durkheim apresenta a passagem da família paternal e patriarcal à família conjugal moderna e esta passagem reflecte, “de uma forma relativamente lateral”, a condição feminina (Torres, 2001). Assim, Durkheim aborda a passagem da família patriarcal/paternal para a família conjugal moderna e o seu contributo para as evoluções nas relações familiares e nas normas associadas.

Com efeito, a família patriarcal tem como centro de “operações” o patriarca, ao qual todos devem obediência, impondo a todos que trabalhem e contribuam para o conjunto familiar e para o bem-estar geral da família, e isto em detrimento do bem-estar individual e das suas opções e desejos. Torres (2001), afirma que existe “um estado de dependência perpétua”.

Quando da passagem da família patriarcal para a família conjugal, a nova família começa a ser constituída “apenas pelo marido, a mulher e os filhos menores e solteiros do casal” (Torres, 2001) em vez do conjunto familiar alargado. Os deveres e direitos que lhe eram atribuídos não diferem muito do que é hoje prática. Assim “o pai tem obrigação de alimentar os filhos. Estes dependem da sua vontade até à sua maioridade, mas, depois desta, cessam todas as obrigações paternas e os filhos assumem a sua personalidade, os seus interesses e a sua responsabilidade própria. Essa regra não prejudica, naturalmente, a subsistência de ligações e de laços de proximidade entre pais e filhos, bem como de certos deveres recíprocos como o direito dos filhos a herdarem parte da riqueza dos pais, ou o de lealdade e de assistência na doença, aos pais idosos (Torres, 2001).

O casamento

Como anteriormente referido, segundo Torres (2001), o casamento deixa de ser fundado pela família, casamento esse imbuído de interesses que sirvam a “lógica familiar e colectiva”, e que são interesses económicos e patrimoniais. Deixa-se assim para segundo plano a livre escolha, excluindo o sentimento como pretexto de união. A constituição desta nova família conjugal moderna propõe uma nova liberdade, relativamente ao grupo familiar.

Ainda segundo Torres (2001), o sentimento, agora, pode de facto ser conquistado, mas a igualdade de direitos entre o casal, homem e mulher, essa está ainda longe de ser considerada. O homem é o “novo patriarca” desta nova família, o “senhor e mestre dos bens comuns”, dispondo deles a seu belo prazer.

O Indivíduo

A valorização do indivíduo, através do seu papel, interesses e sentimentos, é a porta da família conjugal moderna, e isto em oposição à mera posse de bens patrimoniais, sua concentração e transmissão, que anteriormente, fora o mais importante para a família patriarcal. “As coisas perdem em função das pessoas e dos seus interesses” (Torres, 2001).

Este movimento do material para o indivíduo tem os seus reflexos nas condutas relacionais. Começa a revelar-se o respeito pelo plano afectivo do indivíduo, o primado do bem-estar e da satisfação, como refere Torres.

O Estado

O estado, segundo Durkheim, passa a ter um papel na família conjugal moderna, garantindo a indissolubilidade dos laços familiares. Estes são regidos e protegidos através de direitos e deveres a serem cumpridos. Relativamente ao casamento, este passa a ser um acto público, um contracto com o estado, para garantir os deveres e direitos a que é obrigado. O seu não cumprimento pode implicar a dissolução do casamento. Este é um direito conferido pelo estado, e que dá voz ao interesse individual – As uniões de facto eram vistas como o não cumprimento de normas e direitos que, na perspectiva do estado, asseguravam a relação entre o casal e seus descendentes. “...são a pessoas, a natureza e a qualidade das relações que tendem a sobrepor-se ao império das coisas.” segundo Anália Torres (2001).

A Herança

Durkheim fala-nos do desaparecimento tendencial da herança, o que não se verificou. A lógica da herança permanece firmemente agarrada às lógicas familiares (Torres, 2001). Por outro lado temos de ter em atenção as transformações que se têm vindo a verificar, através de gerações, na relação com os patrimónios, com as terras e com imóveis e sua transformação em capitais escolares e culturais e, segundo (cit. por Torres, 2001) Bourdieu, capitais estes reconvertíveis em capital económico. Verificamos assim, ao longo dos tempos, a transformação e mobilidade da herança.

No mesmo sentido, a mobilidade social almejada pelos pais através dos filhos, faz-se no investimento na esfera familiar, com a diminuição do número de filhos, permitindo assim maior investimento nos mesmos.

A mulher é vista de uma forma biológica, escrava das suas características. A ela são atribuídos papéis sociais, funções, lugares e desempenhos que se lhe, com estas premissas, adequem. Solidariedade conjugal e complementaridade são as razões da divisão sexual do trabalho (Torres, 2001).

5.2 Simmel

Simmel, salienta a importância das circunstâncias históricas específicas nas formas de relacionamento entre homens e mulheres, não sendo estas formas de relacionamento um processo evolucionista.

Afirma ainda o autor que, a estabilidade relacional se revela na relação filial, mãe-filho. A relação pai-filho dá-se com a posse da mãe, por forma à realização da transmissão da propriedade. A mãe torna-se um veículo/meio de relação pai-filho. Assim como a posse da mãe era garante da posse do filho, a monogamia era a garantia da legitimidade dos filhos, para a transmissão do património. A transmissão de heranças genética e patrimonial era garantida através da posse e monogamia da mulher.

Segundo o mesmo autor, os efeitos secundários das práticas acima descritas revelaram-se em sentimentos como o amor e a fidelidade na vida conjugal, bem como para com os filhos, sentimentos que garantem a continuidade social.

Importância das condições sociais no tipo de relacionamento no estatuto da mulher.

As condições sociais parecem que explicam certo tipo de configurações (Torres, 2001). Assim é o caso do casamento por compra, da mulher: este situa-se num contexto em que não existe distinção sexual de produtividade, transformando a mulher num bem, numa mercadoria, em mão-de-obra que é levada de um proprietário para outro, devendo este novo proprietário “manter e conservar” o investimento adquirido. Parece que aqui se criaria “amor” ao objecto adquirido, tendo em consideração que, além da capacidade de trabalho, a mulher acrescenta a capacidade reprodutiva, logo, mais mão-de-obra adquirida no futuro.

Com a alteração das características sociais, em que a economia perde o carácter familiar e se desenvolve o mercado monetário, acentua-se a diferenciação sexual do trabalho. Como consequência, os homens têm exclusividade no trabalho exterior, trabalho produtivo (mercado), enquanto às mulheres ficava reservado o trabalho doméstico, um trabalho não produtivo. Deste modo, as mulheres, deixam de ser um bem para ser um encargo, logo o dote seria uma forma de compensação da despesa que a mulher produziria (Torres, 2001).

5.3. Burgess

A família moderna e o casamento.

Segundo Torres (2001) com Burgess, as propostas centram-se na família moderna e na centralidade do casamento, um novo contexto. A proposta de Burgess, assenta na afirmação da transformação da família institucional em família companheirismo. Esta transformação acompanha a passagem da produção agrícola e artesanal a produção industrial, que, por sua vez, é acompanhada pela mobilidade geográfica e pelas vagas de urbanização (produção industrial).

Ainda segundo a autora, e citando sempre Burgess, agora, o modelo de companheirismo é caracterizado pelo casamento com livre escolha dos cônjuges, e com o funcionamento democrático como princípio. Tem como finalidade o bem-estar pessoal do casal e dos filhos. O casamento funda a família contrariamente à lógica institucional. Sempre seguindo Torres (2001), Burgess define família como “ unidade de personalidades em interacção existindo primordialmente para o desenvolvimento e gratificação mutua dos seus membros, unidos mais por coesão interna do que por pressões externas”.

Vida Pública e Vida Privada

Para Burgess segundo Torres (2001), passa a existir uma divisão entre a vida familiar e a pública, divisão essa associada à distribuição de papéis diferenciados/complementares e “naturalizados” através das suas diferenças biológicas.

A família aparece como “casulo protector”, sendo que, nada, à partida, poderia interferir no seu funcionamento, quer factores externos, quer internos. Passa a existir uma vida fantasiada, em que prevalecem os “bons princípios” (Torres, 2001). Afirma ainda a mesma que a responsabilidade do bem-estar e da ordem, bem como o sucesso, residem na esfera familiar.

Factores que podem contribuir para a sobrevivência do casamento nas sociedades modernas

A autora afirma ainda que a sobrevivência da família dever-se-hà à capacidade de adaptação, à mudança e ao facto de ser a família o centro dos afectos e de satisfação pessoal. Com isto, o divórcio tenderia a não aumentar. Os próprios afectos, tão importantes na manutenção do casamento, podem também legitimar a dissolução do mesmo, bem como interferir na estabilidade económica. Com menor desemprego e mais oportunidades de emprego para as mulheres a dependência da mulher no casamento diminui.

Segundo Blood e Wolf em 1960, citado por Torres (2001): “O Casamento já não é uma necessidade económica, nem o divórcio é economicamente impossível. Os empregos estão hoje ao alcance, não só das mulheres solteiras ou divorciadas, mas também das mulheres casadas. Em 1950, pela primeira vez na história americana, a maioria de todas as mulheres trabalhadoras era casada.

A transformação das famílias teve como factores impulsionadores a estabilidade económica, a valorização dos afectos e a empregabilidade do sexo feminino. As leis da física, aqui, teriam relevo no sentido em que uma acção tem sempre uma reacção. Ainda segundo os mesmos, quando um sistema de relações “sofre” uma alteração ou um ajuste, todo ele tende a readaptar-se à nova alteração e dela, por vezes, surgem novas “reacções”.

5.3. Parsons

A nova família conjugal

Parsons fala da “desorganização de transição” como um caminho novo para uma nova família conjugal, devido a intensificação e valorização de certas dimensões do seu funcionamento. A família passa a ser um subsistema especializado, com funções vitais para o indivíduo e para o funcionamento social global.

Para o autor, a especialização da família consiste em “duas funções primárias”: “socialização de crianças” e “estabilização do adulto”. As famílias seriam, como Parsons e Bales referem “fábricas de produção de personalidades humanas” (cit. por Torres, 2001). Essas funções vitais estariam distribuídas, com papéis diferenciados, expressivos e instrumentais, com base na complementaridade, e nas características biológicas e psicológicas. Assim sendo, a competição através da empregabilidade dos dois cônjuges deveria ser evitada, de forma a evitar a instabilidade familiar. O ambiente estabilizador familiar deveria ser mantido. A família seria, de uma forma hercúlea, a mediadora da personalidade, do social e da cultura. Segundo Parsons (cit. por Torres, 2001), a família seria um sistema social institucionalizado.

O papel da mulher na família, segundo Parsons, é o da educação das crianças, tarefa essa desenvolvida somente por ela, visto que o pai tem aqui um papel instrumental, logo mais distante e ausente. É exigida à mulher, não só a educação dos filhos, mas também a transmissão de valores e normas, que, por vezes, se tornam ambíguos e fantasiosos, ou seja não correspondem à realidade vivenciada. A atitude de subordinação, de vida, de escolhas, de opções e de desejos, é mobilizada em função do homem e do seu desempenho – ele é provedor do sustento da casa. O grande objectivo da mulher e o seu papel verdadeiro e fundamental é a maternidade e a casa. O necessário sacrifício das mulheres (Torres, 2001).

5.3. Goode

A família e o social

William Goode centra o seu estudo na articulação entre a família e o social, nas várias dimensões. Estabelece uma relação biunívoca entre o surgimento da família conjugal e o processo de industrialização.

Assim sendo, os padrões de família podem ser preditos apenas através do conhecimentos dos factos económicos ou tecnológicos, e afirmando ainda o autor que mesmo quando as variáveis da família são sobrepujadas por outros grupos de forças, elas resistem e, por conseguinte, provam que devem ser levadas, em consideração em qualquer análise adequada da sociedade, diz-nos Goode (cit. por Torres, 2001).

Para a autora, sempre citando Goode, o estrato social é um factor premente no que diz respeito à distinção de práticas e de atitudes, no contexto familiar.

O autor demonstra-nos também que, apesar da livre escolha dos parceiros, a família de uma forma indirecta, tem influência parental nessa mesma escolha. Segundo Goode, os jovens, provavelmente, devem casar-se, tão-só, com as pessoas pelas quais se apaixonam; e apaixonam-se apenas por pessoas que encontram, mas são os pais que controlam o espaço em que os filhos se movimentam (Torres, 2001).

Faz parte também da sua pesquisa a comparação dos sistemas familiares em diferentes sociedades, e como esses sistemas se diferenciam e se transformam.

Cada sector social tem uma lógica familiar. A mudança, seja ela mudança económica, familiar, ou igualitária, está de certa forma globalizada. Com Goode, a questão da igualdade dos sexos passa a ter lugar nos direitos cívicos, como se verifica com as minorias étnicas. As transformações na estrutura social, as mudanças ideológicas (que lhe estão associadas) são uma explicação para o maior entendimento dos direitos das mulheres.

6. Evolução do papel paterno

Canavarro e Pedrosa (2005) referem a necessidade de inscrição do papel do pai, reconhecido como o terceiro elemento periférico, num lugar central, rompendo com a díade clássica mãe-bebé.

Para as autoras, um filho exige um tempo de reajustamento. Nesse tempo, o filho conquista o seu espaço e com isso redefinem-se relações no contexto familiar. O novo elemento provoca um grande impacto e mudanças nas vidas pessoais e familiares, pois a presença do bebé que é esperado, revela-se um processo irreversível, com modificações decisivas na identidade, no papel e na função dos pais e família (Colman & Colman, 1994; cit. por Relvas, 1996).

Balancho (2004) diz-nos que, estudar o papel paterno na sociedade ocidental revela-se uma tarefa que deve possuir uma perspectiva inter e multidisciplinar, onde a psicologia, a educação, a lei e a jurisprudência, a sociologia e a biologia têm lugar. Lamb (2003), de acordo com Balancho, constata, do mesmo modo, que o estudo da parentalidade se tornou complexo e multidisciplinar.

O tema da transição para a paternidade começa a ser também objecto de estudo de diversas investigações (Canavarro e Pedrosa, 2005).

Robson e Mandel (1985 cit. por Figueiredo, 2005) dão conta dos poucos estudos dirigidos à observação do envolvimento emocional dos pais com o filho, e isto apesar de existirem estudos sobre as mães. Não existem, praticamente, nenhuns dados acerca dos pais.

Bogaerts e colegas (2005) referem que, no passado, pouca atenção foi dada à sensibilidade paterna como um preditor de attachment seguro pai-criança. No mesmo sentido, Overbeek (2004) refere que pouco tem sido abordado o papel do pai, dando primazia ou aos dois pais, ou ignorando o papel desempenhado pelo pai, iluminando deste modo a relativa importância dos dois cuidadores.

O autor reconhece que o comportamento materno, no que diz respeito ao exercício da parentalidade, se revela mais influente nas famílias tradicionais, e isto devido ao tempo que as mães passam com as crianças, funcionando como cuidadores emocionais primários. Para a mulher, a vinculação à criança parece ser mais fácil pois o bebé cresce dentro dela, enquanto que o homem só o pode fazer essa vinculação a nível imaginário (Bayle, 2005).

No entanto, Canavarro e Pedrosa (2005), revelam que o conhecimento que as mulheres e os homens têm de bebés e crianças pequenas é livresco, fílmico e quase sempre distanciado, estando ambos em pé de igualdade. A responsividade emocional dos pais (pai) pode ser, no mínimo, tão importante como a das mães, no sentido em que é um contributo para um attachment seguro.

Algumas investigações sugerem que o bond paterno pode ser mais influente do que o das mães, no que se refere à promoção da auto-eficácia (Scott & Mallinckrodt, 2005; cit. por Chen & Mallinckrodt, 2009).

A parentalidade implica integrar e equilibrar dimensões que parecem contrárias, tais como apoiar e favorecer a autonomia, estar junto e separado ao mesmo tempo, dar continuidade e favorecer a diferença (Canavarro e Pedrosa, 2005).

A transição para a parentalidade, no pai e na mãe, processa-se de uma forma distinta. Na mãe denotam-se mudanças profundas na sua relação mundo do trabalho, com as actividades domésticas e com os cuidados. No pai este processo é mais lento, formando-se a ideia de si próprio como figura cuidadora (Cowan & Cowan, 1985 cit. por Canavarro & Pedrosa, 2005). Neste processo de inclusão na parentalidade, Gomez (2005) revela que, relativamente à vinculação mútua pai-bebé, esta é mais precoce do que antes admitido durante período gravídico. Diz-nos ainda que têm sido demonstrados os efeitos paternos no desenvolvimento da criança e a competência masculina em funções ditas femininas (Cox, 1992; Lamb, 1992; Klaus & Kennel, 1995 cit. por Gomez).

6.1. O processo na paternidade desde os anos 70

Nos anos 70 é declarada a emergência para uma nova paternidade. O pai é não só o progenitor comprometido com o sustento económico e disciplinar, mas também passa a ser envolvido e torna-se capaz de assumir os cuidados, durante o desenvolvimento da criança (Lamb, 1992). Passa a ser um homem activamente apoiante da companheira grávida e tão envolvido emocionalmente como ela (May & Perrin, 1985 cit. por Gomez, 2005), denotando-se uma aproximação dos papéis parentais, como por exemplo a maior participação dos homens nos cuidados infantis e nas tarefas domésticas (Dienhart, 2001).

Apesar das condicionantes, ser um novo pai implica uma ruptura com os papéis tradicionais (Coley, 2001 cit. in Gomez, 2005). Hurstel (1985; cit. . por Bayle, 2005) refere que “a paternidade são os cuidados que um homem dá ao seu filho, ainda pequeno, segundo o modelo que é dado tradicionalmente pela mãe” (p.85).

Balancho (2004), no artigo relativo às transformações intergeracionais da paternidade, refere que as grandes mudanças estruturais na família e na sociedade levaram a um “novo pai”. Refere também que estas mudanças afectam a mulher, podendo deste modo falar “da nova mulher”, o que nos leva a constatar que este é um sistema com interligações que se vão modificando, consoante as transformações impostas.

Gomez (2005) refere que a participação dos pais está a aumentar, mesmo tendo como pano de fundo o modelo de família tradicional. Cita ainda que estamos na era da “paternidade intencional”, “paternidade negociada” e também “paternidade diferível” (Parseval, 2003).

A função paterna varia com a cultura e com as épocas, estabelecendo-se em função da idade da criança, do sexo e dos substitutos (Bayle, 2005).

No que diz respeito às competências dos pais, aos cuidados e funções, estas revelam-se claras no sentido em que, no período neonatal, não existem diferenças entre ambos, no que se refere à competência, contrariando assim a noção do instinto materno. As competências, maternas e paternas, são adquiridas no contacto diário com o bebé. No entanto, as mães têm uma presença marcante nesta tarefa; daí se tornarem mais sensíveis e conscientes das necessidades e capacidades da criança (Lamb, 1992).

Brazelton e Cramer (2001; cit. por Bayle, 2005) falam dos aspectos que influenciam o nascimento de um pai, e que passam pelos seus próprios pais, no sentido em que se revela uma predisposição para a parentalidade, que é transmitida. Há ainda a possibilidade que a mãe confere à criança para interagir com o pai, e isto quando as solicitações do bebé desencadearem o seu desejo de interacção, o que contribui para o desenvolvimento das capacidades do pai. Deste modo é restituída ao pai a parte feminina da sua identidade.

O pai, sendo um objecto alternativo, protege a criança da relação simbiótica que a mãe cria com o bebé, conferindo-lhe, deste modo, identidade sexual e social. O rapaz, no seu processo evolutivo, identifica-se primeiro com a mãe antes de desejar ser como o seu pai.

É fundamental a legitimação e o apoio, por parte da organização sociocultural, da paternidade na sua função familiar. Coley (2001, cit. in Gomez, 2005) refere quatro tarefas para uma paternidade responsável, que passam pela promoção do suporte económico, dos cuidados, do apoio emocional e o do estabelecimento da paternidade legal. O pai introduz a criança no mundo das diferenças e no universo sexual, tendo como função a organização das relações triangulares. A paternidade é reconhecer a criança como sua, e a mulher como mãe.

Gomez (2005) apoia esta ideia, identificando uma dissociação entre a conjugalidade e a parentalidade. No mesmo sentido, Brito (2005) relata que o pai vai influenciar, de uma forma favorável, as capacidades do bebé de entrar em relação com o mundo exterior, referindo ainda o reforço do pai e do seu envolvimento na relação conjugal e no suporte à parceira na sua função materna. Estes são decisivos para o crescimento e autonomia da criança.

Lamb (1992) refere que os pais promovem o desenvolvimento positivo dos filhos, da mesma forma que as mães, sendo mais vantajosa a qualidade da relação (proximidade e o calor) do que a quantidade, e afirmam ainda que são irrelevantes as características supostamente de género (tal como o “nível da masculinidade”).

Continuando com os autores supra citados pai e mãe interagem com o seu bebé de formas diferentes. O ritmo motor dos pais (pai) permite ao bebé diferenciá-los desde cedo, sendo o pai mais físico e excitando mais o bebé. As mães associam o prazer à satisfação das necessidades, contrariamente aos pais, que dissociam o prazer da satisfação das necessidades. A mãe desta forma, deixa de ser a mediadora da relação entre a criança e o pai (Bayle, 2005).

Balancho (2004), no seu artigo, citando Fthenakis e Kalicki (1999) e ainda Smetana, (1994) afirma que a percepção subjectiva que os pais têm da sua função é claramente determinante do seu comportamento e atitudes. Apesar de se ser soldado e ama, no imaginário masculino, esta realidade parece ser uma contradição insustentável, segundo Mackey (1985).

O pai actual, segundo a evidência empírica demonstrada, passa mais tempo com os seus filhos (Lamb, 1997; Pleck, 1997; cit. por Balancho, 2004), e o pai actual revela-se mais sensível, presente, próximo afectivamente e mais compreensivo.

Lamb (1986, cit. in Balancho, 2004) dá conta que os objectivos estabelecidos por muitos homens dependem das memórias que têm da sua infância e, através delas, ora compensam ora emulam/estimulam. O mesmo autor (Lamb 1992) verifica que a qualidade da relação pai-filho é uma variável mediadora importante; diz ainda que, no que diz respeito à influência paterna no desenvolvimento da tipificação sexual, o resultado fundamental é que as características do pai (tal como a masculinidade) são muito menos importantes, de um modo formativo, do que o calor e a proximidade do pai e a natureza da sua relação com o filho, e ainda que estas características permitem um melhor ajustamento da criança.

É assim que Radin (1978, 1981, 1982) citado por Lamb (1992) refere que pais com características, como o calor e a proximidade e envolvimento, tendem a ter filhos competentes e motivados para o sucesso.

No mesmo sentido, Lamb (1992) constata ainda que são as características do pai como pai, mais do que as características do pai como homem, que melhor influenciam o desenvolvimento da criança. Ainda no mesmo estudo, Lamb (1992) afirma que, crianças com pais muito envolvidos, caracterizam-se por uma competência cognitiva aumentada, por maior empatia, por ideias menos estereotipadas acerca da tipificação sexual e por um locus de controlo mais interno (Pruett, 1993; Radin, 1982; Radin & Sagi, 1982; Sagi, 1982).

As lembranças dos homens e das suas relações de infância estão correlacionadas com a sensibilidade paterna. Homens que relatavam relações seguras e amorosas com os seus pais revelavam-se mais sensíveis e envolvidos do que os pais com memórias menos positivas (Cowan, Cohn, Cowan, & Pearson, 1996, cit. por Lamb & Lewis, 2003).

A ausência do pai não se reduz necessariamente à tipificação sexual. São muitos os aspectos do papel paterno. Este é um papel que deve ser reconhecido na multiplicidade de papéis que lhe é inerente, do ponto de vista económica, social e emocional tornando-se importante o apoio emocional da companheira. Na sua ausência, estes ficam por preencher, ou são desempenhados de uma forma desadequada (Lamb, 1992).

Para Lamb (1992), os pais (homens) influenciam as crianças através da interacção, e esta estende-se e tem acção/reflexo no comportamento materno, que por sua vez também influencia o envolvimento e o comportamento parental materno e paterno. Deste modo, a relação conjugal funciona como barómetro da relação pais-criança.

A insatisfação conjugal é adversa à sincronia paterna, que por sua vez, se estende à segurança do attachment (Lamb, 1992).

Pouca atenção foi dada à sensibilidade paterna como um preditor do attachment pai-criança (Bogaerts et al., 2005).

O comportamento paterno é multifacetado e multideterminado e nenhuma variável, por si só, exerce uma influência predominante (Gomez, 2005).

As grandes mudanças sociais nas últimas décadas, produzem uma hipervalorização da função materna e a dissociação entre a conjugalidade e a parentalidade. Lamb (1992) relata que o envolvimento paterno, estabelecendo o pai relações mais próximas com os filhos, e estabelecendo a mãe uma proximidade adequada, permite aos progenitores que matem ou salvaguardem objectivos e metas pessoais. Deste modo, ambos sentir-se-iam mais realizados. Martins e Leal (2007), propõem que, se for aceite a ideia de que o sentimento de realização é tanto maior quanto maior a satisfação que retiramos das tarefas em que nos envolvemos, então, e conseqüentemente, as relações seriam mais calorosas e ricas (Lamb, 1992). Relações calorosas, positivas e de suporte descrevem um attachment seguro (Lopez, Melendez & Rice, 2000).

No percurso bibliográfico seguido, não foram encontrados estudos que explorassem, em conjunto, as dimensões acima descritas, e que são: a Satisfação Parental e o Bonding Parental. Na literatura consultada, estas dimensões aparecem-nos como conceitos difusos e multidimensionais, e que por vezes se fundem com outros conceitos.

A introdução do papel parental masculino ou a figura paterna, afinou, de certa forma, e ainda mais dificultou a probabilidade de encontrar bibliografia especializada.

A bibliografia consultada sugere a existência de uma relação indirecta entre ambos os conceitos de Satisfação Parental e Bonding Parental. No entanto, em nosso entendimento, e com o nosso conhecimento, até hoje, a existência desta relação não está ainda suficientemente estudada ou explorada.

Pensamos que poderá ser importante alargar o interesse pelo estudo da paternidade, para além do seu efeito nas crianças, e ainda reconhecer que, e compreendendo melhor como, a parentalidade, para bem ou para o mal, também afecta o homem (Canavarro e Pedrosa, 2005).

Assim, o objectivo deste estudo pretende ser o de, ao procurar explorar a importância das dimensões Satisfação Parental e Bonding Parental na figura paterna, dar um pequeno contributo para um melhor entendimento destes conceitos e da sua consequente e correcta aplicabilidade.

II. Objectivos

Perante o crescente interesse revelado pela problemática da transformação da figura paterna, sua importância e sua influência nos aspectos familiares e desenvolvimentais dos filhos, muitas questões surgem.

Neste contexto, a presente investigação tem como objectivo principal o entendimento da relação entre a Satisfação Parental e o Bonding Parental na figura paterna - duas dimensões fulcrais no desenvolvimento humano - e ainda de que modo as variáveis individuais interferem nesta relação.

Assim, propomo-nos levar a cabo um estudo exploratório transversal, a que subjazem os seguintes objectivos específicos:

1. Verificar relação entre a Satisfação Parental e o Bonding Parental na figura paterna, na população do estudo;
2. Avaliar a influência dos dados demográficos na Satisfação Parental e no Bonding parental;

III. Método

1. Desenho do estudo

O presente estudo é um estudo exploratório, transversal, composto por um único momento de avaliação e um estudo comparativo.

2. Participantes

A amostra do nosso estudo é constituída por 155 homens que, através de contacto electrónico, se disponibilizaram, de uma forma voluntária, para responder ao questionário. O questionário esteve, on-line, entre Setembro e Outubro de 2009.

As *Idades* dos participantes oscilam entre os 18 e os 78 anos ($M=43.12$, $DP=12.114$).

Relativamente à nacionalidade, a população é maioritariamente portuguesa (97%), e 2,6% têm outra nacionalidade.

Relativamente à *Situação Profissional*, a maioria (92.3%) está actualmente profissionalmente activa, sendo que os restantes 7.7% não estão activos profissionalmente.

Quanto ao *Nível Salarial Mensal*, temos 7.1% que auferem entre 500€ e 1000€; 40.0% com rendimento entre 1000€ a 2000€; 27.7% com rendimento mensal entre 2000€ a 3000€, e 25.2% com rendimento superior a 3000€. Não existiram, na população em questão, rendimentos menores que 500€.

Quanto às *Habilitações Literárias* destes pais, 32.3% completaram o Ensino Secundário; 11.6% têm Bacharelato; 44.5% têm Licenciatura; com Mestrado a percentagem é de 8.4%; e com Doutoramento são 3.2%.

Quanto ao *Estado Civil* observou-se que 3.9% são solteiros; 10.3% estão em situação de união de facto; os casados revelaram-se como sendo a mais alta percentagem com 67.1%; 16.8% estão divorciados/separados; 0.6% são viúvos e 1.3% são outros.

A maioria encontra-se em situação de conjugalidade: 77.4% (união de facto, 10.3%; casado 67.1%) e 22.6% estão em situação de não conjugalidade (solteiro 3.9%, divorciado/separado 16.8%, viúvo 0.6% e outros 1.3%).

Relativamente ao *Número de Irmãos dos pais* estudados, foram observados os seguintes dados: 16.8% dos pais não tem irmãos; 39.4% tem 1 irmão; 20% tem 2 irmãos; 9.7% tem 3 irmãos e 14.2% tem mais de 3 irmãos.

Quanto ao *Número de Filhos*, constatámos que: 49.7% tem um filho; 36.8% tem dois filhos; 9.0% tem três filhos, e temos ainda o valor de 4.5% para mais de três filhos.

O *Sexo dos Filhos* foi também tido em conta, com uma percentagem de 33.5% do género masculino; 36.8% feminino e 29.7% são dos géneros masculino e feminino.

No item que se refere à *Doença Crónica ou Incapacidade Grave*, os valores são os seguintes: 6.5% apresenta doença crónica ou incapacidade grave, sendo que a maioria (93.5%), não apresenta doença crónica ou incapacidade grave.

O Quadro 1 sumaria as características sócio-demográficas da amostra do nosso estudo.

Quadro 1 – Características sócio-demográficas dos participantes

<i>Características (N=155)</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Idade		
[18-28]	10	6.4
[29-39]	58	37.3
[40-50]	43	27.7
[51-60]	31	19.9
[61-78]	13	8.2
Nacionalidade		
Portuguesa	151	97.4
Outra	4	2.6
Situação Profissional		
Com actividade profissional	143	92.3
Sem actividade profissional	12	7.7
Nível Salarial Mensal		
500€ a 1000€	11	7.1
1000€ a 2000€	62	40
2000€ a 3000€	43	27.7
>3000€	39	25.2
Habilitações Literárias		
Ensino Secundário e Bacharelato	68	43.9
Licenciatura	69	44.5
Mestrado e Doutoramento	18	11.6
Estado Civil		
Solteiro	6	3.9
União de Facto	16	10.3
Casado	104	67.1
Divorciado	26	16.8
Viúvo	1	0.6
Outros	2	1.3
Nº de irmãos do pai		
0 irmãos	26	16.8
1 irmão	61	39.4
2 irmãos	31	20
3 irmãos	15	9.7
> 3 irmãos	22	14.2
Nº de filhos		
1 filho	77	49.7
2 filhos	57	36.8
≥3 filhos	21	13.5
Sexo dos filhos		
Masculino	52	33.5
Feminino	57	36.8
Masculino e Feminino	46	29.7
Doença crónica / Incapacidade grave		
Sim	10	6.5
Não	145	93.5

3. Material

Os instrumentos utilizados nesta investigação foram:

- **Questionário sócio-demográfico.** Construído para o efeito, e através do qual se pretendeu obter informação social e demográfica relativa aos participantes, nomeadamente: nacionalidade, idade, habilitações literárias, estado civil, número de irmãos da figura paterna, situação profissional, nível salarial mensal, número de filhos, respectivas idades e sexo, e presença de incapacidade grave ou doença crónica dos filhos.

- **Escala de Satisfação Parental, (ESP)** (PSS – *Parent Satisfaction Scale* de Halverson e Duke, 1991), adaptada para a população portuguesa por Sandra Cameira Martins e Isabel Leal (2007). Esta é uma escala constituída por 20 itens em que cada um é uma afirmação que visa avaliar os níveis de satisfação associados aos papéis parentais.

A ESP organiza-se em três dimensões: Prazeres da Parentalidade (itens 1, 2, 3, 4, 6, 12, 13, 14, 19*, 20); Fardos da Parentalidade (itens 7*, 17*); e Importância da Parentalidade (itens 5, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 18), em que os itens assinalados (*) são invertidos, i.e., em que a codificação é feita de forma inversa.

Solicita-se ao sujeito que escolha, perante a afirmação apresentada, na escala (tipo likert), a opção de 1 a 7 pontos que variam de Discordo Sempre a Concordo Sempre, respectivamente.

As cotações vão de 0 a 100, sendo que 100 é o valor máximo. O resultado de cada dimensão será a soma dos itens que a constituem, dividido pelo valor máximo admissível para cada item, multiplicado por 100 e dividido pelo número total de itens. A cotação global do questionário será a média dos valores obtidos para as três dimensões.

- **Escala de Bonding Parental, (EBP) (PBI – *Parental Bonding Instrument*** de Parker, Tupling e Brown, (1979), adaptada para a população portuguesa por Vera Ramos, Isabel Leal e João Maroco (2006).

Esta é uma escala constituída por 24 itens ancorados em quatro pontos ordinais entre 0 e 3, que variam entre o Discordo Totalmente e Concordo Totalmente, respectivamente. Está organizada de forma a enumerar as várias atitudes e comportamentos dos pais. O sujeito deverá escolher a opção mais apropriada relativamente ao modo como recorda o seu pai, nos primeiros anos de vida. A PBI está organizada em três dimensões que foram designadas por: Cuidar (expressões de “afecto, calor emocional e proximidade”); Autonomia Instrumental (atitudes e comportamentos que incentivam a “independência e autonomia”) e Negação da Autonomia Psicológica (“controlo, hiperprotecção, intrusão, proximidade excessiva e reforço de comportamentos de dependência”).

Relativamente à cotação, os scores dos itens 2, 4, 14, 16, 18 e 24, 3, 7, 15, 21, 22 são invertidos (3-Discordo Totalmente a 0-Concordo Totalmente).

Obtêm-se a cotação final a partir do somatório das pontuações atingidas por cada participante nos itens que compõem cada uma das dimensões da escala.

Posteriormente, avaliam-se, separadamente, os scores individuais obtidos por cada participante, de forma a classificar o seu estilo de ligação parental para a subescala paterna, e isto sabendo que o valor de corte definido para cada uma das dimensões, é dado pelos valores médios de cada dimensão.

4. Procedimentos de investigação

A recolha da amostra realizou-se através de um questionário on-line, que está alojado num local/site, construído para o estudo da Satisfação Parental e do Bonding Parental na Figura Paterna.

A estrutura do protocolo é constituída por um questionário de dados demográficos construído para o efeito, e de dois questionários - versão para a população masculina.

Por forma a testar o bom entendimento, a viabilidade, bem como o tempo dispendido no preenchimento do protocolo, antes de o colocar em formato electrónico, este foi aplicado (em papel) a um sujeito voluntário. Constatou-se que não houve necessidade de correcção, apresentando-se o protocolo de fácil entendimento, viabilidade e celeridade (10m), como era pretendido.

Relativamente ao formato electrónico do protocolo, este foi construído por forma a que todas as questões fossem de preenchimento obrigatório, sendo que, se um questionário não fosse completado na íntegra (sendo assinaladas as questões em falta com um alerta e enquadramento da questão ou questões em falta), o sujeito não poderia passar ao próximo questionário (dados demográficos, ESP e EBP), e isto com a possibilidade de poder desistir em qualquer altura.

O formato electrónico foi construído de modo a proteger o anonimato do sujeito, sendo que o e-mail do mesmo não ficou registado.

Na base de dados 1 (base de dados do Google Docs), somente se regista a hora e a data de entrada do questionário completado. Na base de dados 2 (para execução SPSS) não aparece este dado visto este ser irrelevante para o estudo.

De seguida, com o protocolo já em formato electrónico, este foi dado a um outro voluntário com o objectivo supra citado. Constatámos que o tempo de preenchimento do protocolo em formato electrónico, devido à sua estrutura e fácil preenchimento, foi mais curto (7m).

Para proceder à recolha da amostra, uma amostra conveniente tipo bola de neve, foram feitos contactos com sujeitos que, por sua vez, teriam uma rede de contactos, e que se disponibilizariam, de imediato, a facultá-la.

Foi explicado aos sujeitos o objectivo da investigação, o seu carácter voluntário, a sua importância e a garantia de anonimato. Foi também elaborado um pedido de autorização formal prévio que, no entanto, não foi necessário.

A recolha da amostra foi feita da seguinte forma:

Contactados os sujeitos supra mencionados, foi-lhes pedido um contacto electrónico, um e-mail. Deste modo ser-lhes-ia enviado um e-mail elaborado para o efeito, contextualizando o pedido e o estudo em questão (vide em anexo). No e-mail encontra-se, também, por forma a facilitar o acesso ao site que contém o questionário, o link <http://satisfacaoparental.netai.net>.

Foi proposto nesse e-mail, que ele (e-mail) fosse reenviado para a lista de contactos de cada sujeito que o recebesse, garantindo, mais uma vez, o anonimato.

Deste modo, criou-se uma amostra em rede, ou sistema em cadeia, em que cada elemento que preenchesse o questionário pudesse, se o entendesse, reenviar-lo para outros contactos, e assim sucessivamente. Um endereço de e-mail – info.satisfacaoparental09@gmail.com - foi criado para melhores esclarecimentos.

5. Procedimentos estatísticos

Através do *Statistical Package for Social Science (SPSS – versão 17.0)*, realizámos os cálculos das estatísticas descritivas e inferenciais, pertinentes para o nosso trabalho. No que respeita às estatísticas descritivas, foram determinadas as frequências, as percentagens, as médias e os desvio-padrão das variáveis que caracterizam a amostra.

Relativamente às estatísticas inferenciais, e após verificados todos os pressupostos de aplicação de métodos paramétricos para distribuição normal - com o teste de Kolmogorov-Smirnov e para homogeneidade de variâncias – com o teste de Levene, foram realizados testes *t de Student* para comparação de duas médias e análises de variância unifactoriais, para comparação de mais de duas médias (ANOVA).

Quando os grupos comparados nas análises de variância não preenchem os pressupostos da homocedasticidade, recorriamos ao teste t com correcção de Welch para a heterocedasticidade ou à ANOVA com correcção de Welch.

Nas situações em que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, realizou-se, *a posteriori*, o teste *post-hoc* de Tukey para discriminar entre que grupos se verificavam as diferenças.

IV. Resultados

Apresentaremos os resultados referentes aos factores de variabilidade interindividual da Satisfação Parental e do Bonding Parental. Escolhemos não apresentar os resultados relativos ao *Número de Irmãos do Pai* e *Nacionalidade*, em que não observamos pertinência atinente ao estudo em questão.

1. Médias e desvio-padrão das Escalas de Satisfação Parental e de Bonding Parental:

Apresentamos no Quadro 2, as médias e desvio-padrão relativos às subescalas dos questionários aplicados.

Quadro 2 – Médias e desvio-padrão dos instrumentos utilizados

<i>Instrumentos (N=155)</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
ESP		
Prazeres da Parentalidade	91.20	9.027
Fardos da Parentalidade	61.56	19.826
Importância da Parentalidade	82.70	12.988
Global	78.49	10.637
EBP		
Cuidar	24.30	5.425
Autonomia Instrumental	5.57	3.205
Negação de Autonomia Psicológica	23.54	3.758

De acordo com a leitura do Quadro 2, podemos verificar que, na Escala de Satisfação Parental – ESP, encontramos valores das médias que oscilam entre $M=61.56$ e $M=91.20$, valores acima da média e elevados.

A subescala dos Fardos da Parentalidade encontra-se acima da média (61.56) e as subescalas Global ($M=78.49$; $DP=10.637$), Importância da Parentalidade ($M=82.70$; $DP=12.988$) e Prazeres da Parentalidade ($M=91.20$; $DP=9.027$) têm valores elevados de média, uma vez que a pontuação da escala pode variar entre 0 e 100.

Tendo em conta que a subescala Global traduz o valor médio obtido para as três subescalas (Prazeres da Parentalidade, Fardos da Parentalidade e Importância da Parentalidade), constatamos que a amostra em questão tende para valores de elevada Satisfação Parental.

No que diz respeito às subescalas de Prazeres da Parentalidade com o valor mais elevado e, seguidamente, a subescala de Importância da Parentalidade, denotamos que os pais retiram prazer do seu papel parental e que, seguidamente, dão grande importância ao seu papel parental. No entanto sentem o Fardos da Parentalidade, e o peso que acarreta o papel parental.

Na Escala de Bonding Parental – EBP, comparativamente às médias de validação da Escala de Bonding Parental (Ramos, Leal e Maroco, in Press), para uma amostra de $n=69$, Cuidar ($M=24.00$; $SD= 8.47$), Autonomia Instrumental ($M=7.10$; $SD= 3.52$) e Negação de Autonomia Psicológica ($M=5.50$; $DP= 5.50$), constatamos que a presente amostra revela valores elevados nas subescalas Cuidar - com $M=24.30$ e $DP= 5.425$ e Negação de Autonomia Psicológica - com $M=23.54$ e $DP= 3.758$, e ainda com valores abaixo da média, a subescala de Autonomia Instrumental ($M=5.57$; $DP= 3.205$). Denotam-se discrepâncias entre os valores da Negação entre as amostras.

Estes dados reflectem que as percepções dos pais quanto às de expressões de afecto, de calor emocional e de proximidade (Cuidar), são elevadas na população. No entanto, no que se refere às percepções de Negação de Autonomia Psicológica traduzida por controlo, hiper-protecção, intrusão, proximidade excessiva e reforço de comportamentos de dependência, as percepções são do mesmo modo elevadas. No que concerne às percepções dos comportamentos que incentivam a independência e a autonomia estas são pouco sentidos.

2.Variabilidade Interindividual dos dados demográficos.

Apresentamos, seguidamente, os resultados relativos à influência de algumas variáveis individuais, consideradas relevantes pela literatura, na Satisfação Parental e no Bonding Parental.

2.1 Idade

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no que concerne à Satisfação Parental e ao Bonding Parental, em função do grupo etário.

Quadro 3 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função da Idade (Teste ANOVA).

	[18;28] (n=10)		[29;39] (n=58)		[40;50] (n=43)		[51;60] (n=31)		[61;78] (n=13)		ANOVA	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F	p
ESP												
Prazeres	89.29	2.97	92.73	1.12	90.17	1.59	90.88	1.48	90.11	2.18	0.724	0.577
Fardos	59.42	5.16	59.73	2.82	63.79	3.10	64.06	3.20	60.44	5.09	0.553	0.697
Importância	83.93	4.20	85.19	1.54	82.39	2.14	79.72	2.31	78.85	3.98	1.263	0.287
Global	76.55	3.20	79.22	1.48	78.78	1.65	78.22	1.72	76.47	2.98	0.277	0.893
EBP												
Cuidar	25.50	1.25	23.09	0.63	25.40	0.95	25.16	1.06	23.15	1.17	1.654	0.164
Autonomia	5.50	1.10	5.55	0.42	5.65	0.58	5.61	0.48	5.31	0.72	0.31	0.998
Negação	22.90	1.02	23.45	0.533	23.93	0.59	23.94	0.59	22.23	0.98	0.672	0.613

2.2 Situação Profissional

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas ao nível dos Prazeres, dos Fardos, da Importância, da Global e da Autonomia, em função da situação profissional.

No entanto, verificamos diferenças estatisticamente significativas ao nível do Cuidar ($t_w(16.52)=3.101$, $p=0.01$) e da Negação ($t(153)=2.316$, $p=0.02$). E isto porque os homens com Situação Profissional Activa tendem a apresentar mais percepções do Cuidar e da Negação, o que vai de encontro aos valores das médias das subescalas para a população em questão.

Os pais com Situação Profissional activa apresentam percepções de expressões de afecto e calor, bem como de reforço de comportamentos de dependência.

Quadro 4 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função da Situação Profissional (Teste t- Student).

	<i>Activa</i> (n=143)		<i>Não Activa</i> (n=12)		<i>t-student</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>P</i>
ESP						
Prazeres	91.13	9.16	92.02	7.42	-0.325	0.75
Fardos	61.23	19.82	65.48	20.39	-0.710	0.48
Importância	82.68	13.16	83.18	11.18	-0.132	0.9
Global	78.35	10.62	80.23	11.16	-0.587	0.56
EBP						
Cuidar	24.56	5.50	21.25	3.33	3.103	0.01
Autonomia	5.55	3.27	5.75	2.45	-0.204	0.84
Negação	20.39	3.22	18.17	2.92	2.316	0.02

2.3 Nível Salarial Mensal

Não se verificam diferenças significativas no que se refere aos Prazeres, Global, ao Cuidar, à Autonomia e à Negação, em função do Nível Salarial Mensal.

Por sua vez, encontram-se diferenças estatisticamente significativas, relativas aos Fardos e à Importância.

De acordo com o teste de Tukey, as médias dos scores para os Fardos ($F(3,151)=2.545$, $p=0.058$) é significativamente diferente nos Níveis Salariais Mensais [500€;1000€] e mais de 3000€.

Relativamente à Importância ($F(3,151)=2.929$, $p=0.036$) ou ($F_w(3,151)=4.870$, $p=0.005$), nenhum dos Níveis Salariais Mensais é significativamente diferente entre si.

O Nível Salarial interfere no impacto dos papéis parentais – Fardos; este é mais sentido nos Níveis Salariais Mensais mais baixos e mais altos. Deve-se ter em conta que não foi especificado se o Nível Salarial Mensal é dividido pelo casal ou se existem dois rendimentos por casal, o que pode ser determinante e influenciar o item Fardos.

Quadro 5 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função do Nível Salarial Mensal (Teste ANOVA).

	[500€;1000€] (n=11)		[1000€;2000€] (n=62)		[2000€;3000€] (n=43)		mais de 3000€ (n=39)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
ESP										
Prazeres	89.22	3.42	93.02	1.02	89.73	1.44	90.51	1.49	1.482	0.222
Fardos	50.65	3.11	62.21	2.77	58.47	2.69	67.03	3.12	4.870(w)	0.005
Importância	79.70	3.84	86.23	1.53	81.69	2.08	79.08	2.06	2.929	0.036
Global	73.19	2.51	80.49	1.44	76.63	1.54	78.87	1.63	2.140	0.098
EBP										
Cuidar	22.64	1.44	24.61	0.68	24.30	0.86	24.28	0.90	0.409	0.747
Autonomia	5.27	0.88	6.18	0.46	4.74	0.50	5.59	0.37	1.751	0.159
Negação	19.91	0.69	19.98	0.48	19.72	0.47	21.23	0.40	2.490(w)	0.072

(W) – ANOVA com correcção de Welch.

2.4 Habilitações Literárias

Não observámos diferenças estatisticamente significativas dos Prazeres, dos Fardos, da Importância, da Global, do Cuidar, da Autonomia e da Negação, em função das Habilitações Literárias.

Quadro 6 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função das Habilitações Literárias (Teste ANOVA).

	<i>Liceu</i> <i>Bacharelato</i> (n=68)		<i>Licenciatura</i> (n=69)		<i>Mestrado</i> <i>Doutoramento</i> (n=18)		ANOVA	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>P</i>
ESP								
Prazeres	91.9	1.05	90.64	1.05	90.71	2.74	0.366	0.694
Fardos	63.87	2.30	59.42	2.48	61.11	4.73	0.865	0.423
Importância	84.77	1.46	81.03	1.63	81.35	3.27	1.541	0.217
Global	80.18	1.28	77.03	1.34	77.72	1.98	1.568	0.212
EBP								
Cuidar	24.40	0.69	24.29	0.63	24.00	1.29	0.038	0.963
Autonomia	5.59	0.42	5.39	0.35	6.17	0.78	0.417	0.660
Negação	20.03	0.37	20.28	0.43	20.72	0.57	0.341	0.712

2.5 Conjugalidade

No que se prende com os Prazeres, os Fardos, a Importância, a Global, o Cuidar e a Autonomia, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Na subescala da Negação ($t(153)=-2.015$, $p=0.046$) revelaram-se diferenças estatisticamente significativas entre homens Com Conjugalidade e Sem Conjugalidade, sendo que se revela maior Negação (maior percepção de intrusão e comportamentos de dependência) em homens Sem Conjugalidade.

Homens que se encontram Sem conjugalidade apresentam percepções de comportamentos de intrusão e dependência.

Quadro 7 – Satisfação parental e Bonding Parental em função da Conjugalidade (Teste t-Student).

	<i>Com conjugalidade</i> (<i>n=120</i>)		<i>Sem conjugalidade</i> (<i>n=35</i>)		<i>t-student</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>P</i>
ESP						
Prazeres	92.11	7.64	88.12	12.34	1.812	0.077
Fardos	61.85	19.78	60.61	20.23	0.323	0.747
Importância	83.69	12.75	79.33	13.40	1.757	0.081
Global	79.21	10.39	76.02	11.23	1.569	0.119
EBP						
Cuidar	24.58	5.20	23.34	6.11	1.192	0.235
Autonomia	5.62	3.34	5.40	2.71	0.351	0.726
Negação	23.22	3.92	24.66	2.93	-2.015	0.046

2.6 Número de Filhos

Relativamente ao Número de Filhos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função dos Prazeres, dos Fardos, da Importância, do Global, do Cuidar, da Autonomia e da Negação.

Quadro 8 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função do Número de Filhos (Teste ANOVA).

	<i>1 Filho</i> (n=77)		<i>2 Filhos</i> (n=57)		<i>3 ou mais Filhos</i> (n=21)		<i>ANOVA</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
ESP								
Prazeres	92.58	0.91	90.65	1.30	87.69	2.08	2.649	0.74
Fardos	61.04	2.32	63.91	2.76	57.14	3.04	0.947	0.390
Importância	88.55	1.40	80.20	1.92	82.74	2.24	1.861	0.159
Global	79.39	1.20	78.25	1.50	75.86	1.91	0.933	0.396
EBP								
Cuidar	24.43	0.57	24.56	0.84	23.14	0.89	0.863(w)	0.427
Autonomia	5.55	0.37	5.44	0.41	6.00	0.76	0.237	0.789
Negação	20.17	0.40	20.25	0.40	20.33	0.60	0.024	0.976

(W) – ANOVA com correção de Welch

2.7 Género dos filhos

Não foram encontradas diferenças significativas entre os Prazeres, os Fardos, a Importância, a Global, o Cuidar, a Autonomia e a Negação, em função do Género dos Filhos.

Quadro 9 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função ao Género dos Filhos (Teste ANOVA).

	<i>Masculino</i> (n=52)		<i>Feminino</i> (n=57)		<i>Masculino e Feminino</i> (n=46)		<i>ANOVA</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	F	<i>p</i>
ESP								
Prazeres	90.08	1.45	91.45	1.17	91.55	1.10	0.630	0.53
Fardos	58.10	2.94	62.90	2.56	63.82	2.76	1.224	0.297
Importância	81.66	1.89	83.61	1.75	82.76	1.78	0.305	0.737
Global	76.61	1.49	79.49	1.48	79.38	1.43	1.224	0.297
EBP								
Cuidar	25.10	0.73	24.61	0.72	23.02	0.80	1.953	0.145
Autonomia	5.75	0.45	5.95	0.46	4.89	0.40	1.518	0.222
Negação	20.29	0.39	19.98	0.52	20.43	0.41	0.234(w)	0.792

(W) – ANOVA com correcção de Welch

2.8 Doença Crônica ou Incapacidade Grave

No que concerne os Fardos, a Importância, a Global, e o Cuidar, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas em função da Doença Crônica ou Incapacidade Grave. No entanto, os Prazeres ($t(153)=-2.606$, $p=0.01$), a Autonomia ($t(153)=-2,562$ $p=0.011$) e a Negação ($t(153)=-2.374$, $p=0.019$) revelaram diferenças estatisticamente significativas.

Os Prazeres fazem-se sentir com maior peso na ausência de Doença Crônica ou Incapacidade Grave, bem como na Autonomia e na Negação. Pais que, na situação de ausência de Doença Crônica ou Incapacidade Grave, revelam maior prazer nas funções parentais, revelam do mesmo modo autonomia instrumental, mas também revelam valores elevados de negação de autonomia psicológica (percepções de controlo e comportamentos de dependência) e isto contrariamente à presença de Doença Crônica e Incapacidade Grave.

Esta constatação lava-nos a interrogarmo-nos de que forma a presença de Doença Crônica e Incapacidade Grave influem nas percepções que os pais têm relativamente à Negação de Autonomia Psicológica.

Quadro 10 – Satisfação Parental e Bonding Parental em função com Doença Crônica ou Incapacidade Grave (Teste t-Student).

	<i>Presença</i> (<i>n=10</i>)		<i>Ausência</i> (<i>n=145</i>)		<i>t-student</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>P</i>
ESP						
Prazeres	84.14	12.14	91.69	8.55	-2.606	0.01
Fardos	60.00	21.08	61.67	19.81	-0.258	0.797
Importância	77.50	14.61	83.07	12.85	-1.314	0.191
Global	73.88	13.41	78.81	10.40	-1.423	0.157
EBP						
Cuidar	23.70	5.87	24.34	5.41	-0.363	0.717
Autonomia	3.10	1.72	5.74	3.22	-2.562	0.011
Negação	17.90	3.70	20.38	3.16	-2.374	0.019

3. Correlação das subescalas de satisfação Parental e Bonding Parental.

Para medirmos a intensidade e a direcção da associação entre as subescalas Prazeres, Fardos, Importância, Global, Cuidar, Autonomia e negação, recorremos ao Coeficiente de Correlação de Bravais-Pearson. Verificamos uma associação positiva e significativa, e uma correlação forte, para as variáveis com um $\alpha=0.01$. Apresentaremos as associações por ordem de grandeza/ maior associação.

O item Global apresenta uma associação positiva e significativa com os itens Fardos ($r=0.809$; $\alpha=0.01$), com Prazeres ($r=0.727$; $\alpha=0.01$) e com Importância ($r=0.717$; $\alpha=0.01$). O item Prazeres associa-se positivamente e significativamente com os itens Importância ($r=0.588$; $\alpha=0.01$) e Fardos ($r=0.33$; $\alpha=0.01$) e o Cuidar associa-se à Autonomia ($r=0.214$; $\alpha=0.01$) bem como se associa com a Negação ($r=0.201$; $\alpha=0.01$).

Sempre que um dos itens aumenta ou diminui, como a associação é positiva, isto vai influir nos os itens que lhe estão associados.

Não se verificaram associações entre os itens das subescalas de Bonding Parental e de Satisfação Parental.

Quadro 11 – Correlação das escalas de Satisfação Parental e de Bonding Parental.

ESP/EBP	Prazeres	Fardos	Importância	Global	Cuidar	Autonomia	Negação
Prazeres	1	0.33**	0.588**	0.727**			
Fardos		1	0.231**	0.809**			
Importância			1	0.717**			
Global				1			
Cuidar					1	0.214**	0.201**
Autonomia						1	
Negação							1

** Correlação significativa para 0.01

*Correlação significativa para 0.05

V. Discussão

Pretendemos, com este estudo exploratório, contribuir para um melhor entendimento das dimensões: Satisfação Parental e Bonding Parental na Figura Paterna.

Deparámo-nos, ao longo do percurso bibliográfico consultado, com uma série de dificuldades que dizem respeito à multidimensionalidade e à pouca clareza dos conceitos, e ainda com dificuldades quanto à multiplicidade de escalas que se propõe avaliar os conceitos/dimensões supra citados.

Deste modo, ao longo do estudo, foi-se tornando clara a dificuldade na abordagem da temática. Isto porque, não raro, frequentemente a bibliografia consultada apresenta resultados controversos. Estes são estudos que se propõe avaliar as mesmas dimensões e são também, por vezes, estudos replicados que revelam resultados contrários.

Pensamos que, em grande medida, algumas das muitas dificuldades encontradas nos estudos referidos, poderão também ter a ver com a dificuldade de abordagem da multidimensionalidade, que é uma das características do Homem.

Um outro aspecto a salientar é o de que, a grande maioria dos estudos das dimensões supra citadas privilegia, continuamente, o papel materno. Tivemos então em consideração esses estudos, como ponto de partida a ter em conta, para um possível aprofundamento de novas questões. Como Canavarro e Pedrosa (2005) referem, existe uma necessidade de inscrição do papel do pai, reconhecido como o terceiro elemento periférico, num lugar central, rompendo com a díade clássica mãe-bebé.

Dada a ainda insuficiente existência de investigação que coloque o Homem - Pai no centro da investigação, utilizamos como âncora, estudos com amostras com Mães, e estudos que abordem ou que tenham como amostra, o casal. Overbeek (2004) diz-nos que tem sido insuficientemente abordado o papel do pai, dando-se primazia, ou aos dois pais, ou ignorando o papel desempenhado pelo pai, iluminam-se deste modo a relativa importância dos dois cuidadores.

Foi nosso objectivo procurar um melhor entendimento acerca da importância dos cuidados parentais precoces, no presente caso do Bonding Parental Paterno, e dos seus efeitos numa futura Satisfação Parental Paterna.

Sendo este um estudo exploratório, consideramos ser ainda um desbravar de conhecimentos que possam vir a contribuir para traçar um trilho que conduza, em extensão e profundidade, a uma mais clara compreensão das questões da paternidade.

Os pais que participaram na nossa amostra são, maioritariamente, pais cujas idades oscilam entre os 29 e os 39 anos, com pelo menos um irmão. Têm actividade profissional, auferem rendimentos mensais entre os 1000€ e 2000€ e, de um modo geral, apresentam habilitações literárias ao nível da licenciatura.

Estão em situação de conjugalidade, sendo esta entendida como relações de união de facto e/ou casamento. São pais que, na sua maioria, têm um só filho. A maior parte desses filhos são do género feminino, seguido do género masculino. Constatámos que, na amostra em questão, a maioria dos pais têm filhos sem doença crónica ou incapacidade grave.

Deveremos ter em conta que a dita amostra não é representativa da realidade da população portuguesa. Relativamente ao nível salarial, esta amostra não apresentou a opção referente ao nível salarial mensal “menos de 500€”.

As habilitações literárias centram-se na licenciatura, o que implica uma (alguma) diferenciação académica - ensino superior. Entendemos que os valores das médias apresentados prende-se com o facto de a amostra ter sido recolhida de uma forma conveniente, ou seja, de os participantes fazerem parte do mesmo círculo de conhecimentos, amigos, familiar e profissional. Devemos ter em conta que a amostra foi recolhida através do “processo de bola de neve”.

Os resultados obtidos para a **Satisfação Parental** revelam-nos que a população em questão – os Pais, de uma forma global (Global) - revelam satisfação com seus papéis parentais; isto é, os pais, de uma forma geral, encontram-se satisfeitos com a parentalidade (Chilman, 1980 cit. por Pasley & Gecas, 1984). Sentem prazer no papel parental (Prazeres da Parentalidade) no mesmo sentido que propôs Mercer (1986, cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008), na sua definição. Dão uma grande importância ao papel parental desempenhado, o que está de acordo com Chilman (1980 cit. por Pasley & Gecas, 1984), que revela que pais e mães vêem a parentalidade como o aspecto mais importante das suas vidas familiares (Importância da Parentalidade).

Pais e mães sentem algum peso que é inerente ao papel parental, e isto devido ao facto de eles se sentirem capazes ou não no seu desempenho, e sentem ainda qual o peso desse desempenho (Fardos da Parentalidade).

Bárcia e Veríssimo (2008) referem ainda que o processo de transição para a parentalidade e a adaptação às tarefas que lhe são inerentes, implicam uma adaptação. No entanto, e com o apoio dos estudos anteriormente citados, relativos à adaptação à parentalidade, constatamos que esta, por si só, é um longo processo de adaptação que se desenrola ao longo da vida. Temos como exemplo a adolescência, que é considerada uma fase de difícil transição e de constante adaptação. Nesse período, os sentimentos de satisfação com os papéis parentais alternam com o stress vivido pelos pais (Pasley & Gecas, 1984). E isto tem implicação no modo com este (stress) afecta a satisfação com o papel parental o que, na amostra em questão não se considera relevante.

No que diz respeito às percepções dos adultos face às experiências emocionais vividas precocemente com, no presente caso, o seu progenitor – Pai, ou seja a avaliação dos estilos parentais percebidos, o **Bonding Parental** (Ramos, Leal, & Maroco, 2006), constatamos que as expressões de afecto, de calor emocional e de proximidade – Cuidar -, comparativamente com amostra de validação da escala, são bastante sentidas. Estão presentes, nestes pais, memórias de carinho e de afecto no que se refere ao relacionamento com os seus pais (pai).

Ainda relativamente aos estilos parentais percebidos, verificamos que a Autonomia instrumental (revelada por percepções de independência e autonomia), tão importante para o desenvolvimento da criança, é pouco sentida pelos pais da nossa amostra. Os comportamentos que contrariam esta autonomia instrumental revelam-se como factores desencorajadores e punitivos dos esforços da criança e do jovem para atingirem desejavelmente, a autonomia. Esta autonomia está relacionada com a capacidade de provisão da regulação e reparação do cuidar, diminuindo a capacidade de controlo individual, habilidade de tolerar e comunicar de uma forma adaptativa afectos negativos (Marchetto, 2006). O ajustamento emocional nos adultos, está associado com memórias de laços emocionais com os pais (Parker et al., 1995 cit por Chen & Mallinckrodt, 2009).

Algumas considerações devem ser tecidas relativamente a este resultado. Assim, tendo em conta que a maioria dos pais da amostra têm idades compreendidas entre os [29-39], poderemos entender que os seus respectivos pais iniciaram a sua parentalidade na década de 70. Este foi um período em que se iniciou a emergência para uma nova paternidade, tendo-se começado a quebrar os vínculos de sustento económico e disciplinar, e também, e acima de tudo, envolvendo-se os pais nos cuidados das crianças, ao longo do processo do seu desenvolvimento (Lamb, 1992). Temos como exemplo o acompanhamento da parceira durante a gestação e, revelando-se estes tão envolvidos como ela, nesse período, (May & Perrin, 1985 cit. por Gomez, 2005), encurtando assim o distanciamento que era tão característico do papel paterno em relação ao materno, e ainda integrando-se eles nas actividades concernentes aos cuidados infantis, bem como nas tarefas domésticas (Dienhart, 2001). De facto, a função paterna tem vindo a variar com a cultura e com as épocas (Bayle, 2005).

A parentalidade implica integrar e equilibrar dimensões contrárias (Canavarro & Pedrosa, 2005), sendo que, para o pai, o processo de inclusão na parentalidade é mais lento (Cowan & Cowan, 1985 cit. por Canavarro & Pedrosa, 2005). A ruptura com os papéis tradicionais apresenta-se com muitas condicionantes. O pai não chega reclamar para si o exercício da paternidade; é necessário descobrir como são exercidas essas funções, e isto porque os cuidados que um homem presta ao seu filho têm, como base de execução, o modelo que lhe é dado tradicionalmente pela mãe (Bayle, 2005).

Como vimos, verificamos um cada vez maior investimento na criança.

Este é um dos elementos definidores do conceito de bonding que se entende como o reflexo dos laços emocionais entre pai e mãe, no processo desenvolvimental dos filhos (Stein et al., 2000 cit. por Marchetto, 2006).

Por último, mas não menos importante, no que se refere à subescala do Bonding, a nossa amostra revelou elevados níveis de negação de autonomia psicológica – controlo, intrusão, proximidade excessiva, hiper-protecção e reforço de comportamentos de dependência.

Comparativamente à amostra de validação, os resultados do presente estudo são, no caso da autonomia instrumental, inferiores à média, mas, quanto à negação de autonomia psicológica, são bastante elevados.

Temos uma população que apresenta elevado Cuidar e elevada Protecção (baixa autonomia e elevada negação psicológica), que corresponderia, num indivíduo, a Constrangimento afectivo.

Os resultados obtidos revelam algumas associações com **variáveis individuais**, relevantes na literatura, e Satisfação Parental e o Bonding Parental.

Relativamente à **idade** dos pais em questão, não foram encontradas diferenças significativas no que diz respeito às subescalas em questão.

Na bibliografia consultada não foram encontrados estudos que tenham como foco de investigação principal a idade dos pais, em função, tanto da Satisfação Parental, como do Bonding Parental, como ainda destes, em conjunto. A idade aparece sempre como um dado demográfico para o enquadramento da amostra.

No entanto, podemos inferir, com algum risco, que, se tivermos em conta as idades destes pais, podemos entender que existe grande probabilidade de encontrar, na amostra, pais, nas diversas fases da parentalidade. Falamos da parentalidade da infância, da adolescência e da adultícia, havendo também a probabilidade de encontrar pais que já são avós.

Dada esta variedade, os estudos e os dados obtidos são díspares no que diz respeito à Satisfação Parental, ou seja à satisfação com o papel parental. Os estudos indicam que a satisfação parental vai diminuindo com o aumento da idade dos filhos. A adolescência, uma fase difícil transição e em constante adaptação, e a adultícia, são foco de menor satisfação, e isto especialmente quando os comportamentos de autonomia se revelam, embora as competências sociais dos adolescentes – traduzidas pelo balanço entre o progresso para a autonomia e a responsividade contínua relativa aos pais - sejam uma fonte de satisfação parental (Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008; Pasley & Gecas, 1984; Henry & Peterson, 1995).

Relativamente aos comportamentos de autonomia, que fazem parte e são desejáveis, no processo de desenvolvimento, verificamos que estes, na nossa amostra, e relativos às de percepções autonomia instrumental, bem como às percepções de negação da autonomia psicológica, verificamos que estão de acordo. Na nossa amostra verificamos que estão presentes poucas percepções de autonomia instrumental e, em contrapartida, foram encontradas elevadas percepções de negação de autonomia psicológica.

O momento da transição para a parentalidade é um momento de grandes alterações. A satisfação parental varia segundo o ciclo de vida em que os pais se encontram, sendo que o primeiro ano dos pais é considerado o mais stressante e exigente, um momento de crise que se pode tornar uma possibilidade de crescimento para os pais, um momento de início de uma nova etapa, com todas as vicissitudes que lhes são inerentes, e isto porque o crescimento não é desprovido de dor (Bacia & veríssimo, 2008, Lourenço, 1998).

No que concerne à **situação profissional** não são reveladas associações em função da satisfação parental, sendo que, o facto de a situação profissional ser activa ou não, nesta amostra, é independente. Pensamos ser importante referir que os pais não activos se encontram entre as idades de 52 anos e 78 anos, um intervalo considerado característico de homens que se encontram em situação de reforma. Encontramos somente um pai com 33 anos que, eventualmente, estará em situação de desemprego. No que diz respeito à bibliografia consultada, os resultados apresentam-se controversos, para as mulheres - o facto de as mães poderem optar pela actividade profissional relaciona-se com maiores níveis de satisfação parental (Lerner & Galambos, 1985; Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008).

O sentimento de realização em outras tarefas que não a parentalidade reforça a satisfação com os papéis parentais (Hoffman, 1989 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008). Talvez ainda o peso que a família tradicional ainda tem, possa facilitar o entendimento deste resultado.

A mãe ainda tem sido, ao longo dos tempos, no que diz respeito ao exercício da parentalidade, mais influente, sendo considerada a cuidadora primária (Overbeek, 2004). O peso do papel paterno como o provedor do sustento económico (Lamb, 1992), faz-se sentir ainda nos nossos dias, sendo uma âncora neste processo evolutivo da transformação dos papéis parentais. A sua paternidade era executada e sentida quase de uma forma exclusiva, somente na medida em que garantia o sustento da sua família. Se prover a família era cumprir com, e realizar as tarefas que se lhe impunham com a paternidade, então o sentimento de satisfação estaria presente.

Cada vez mais, hoje em dia, com a moldura familiar tradicional, a paternidade não acaba no sustento económico e na masculinização dos filhos e ainda no disciplinar, estendendo-se a paternidade, agora, para outras áreas ditas femininas (Balacho, 2004; Gomez, 2005; Lamb, 1992).

As percepções de afecto e a negação de autonomia psicológica, essas sim, estão associadas à actividade (situação) profissional. Os pais que se encontram profissionalmente activos, em comparação com os que não estão com actividade profissional, apresentam percepções de cuidar e de negação. Neste caso, não foram encontrados estudos que suportassem este resultado. No entanto questionamo-nos de que modo é que a actividade profissional está associada com às percepções apontadas. – Será a actividade profissional um item que suscita percepções ao nível do cuidar e da negação de autonomia psicológica? – Será que o facto de nos sentirmos úteis e produtivos tem influência nas nossas percepções ?

No que diz respeito ao **nível salarial mensal**, observámos variabilidade interindividual em função dos fardos da parentalidade e da importância da parentalidade. O impacto sentido no papel parental é afectado pelo o maior ou menor nível salarial mensal, [500€; 1000€] e *mais de 3000€*. Devemos ter em conta que não foi especificado, no presente estudo, se este nível salarial mensal corresponde a um ordenado por família ou se é resultante do contributo do casal para o agregado familiar. Fará sentido, então, que o nível salarial mensal mais alto evidencie, também, as associações com o fardos e que este seja considerado como um factor importante.

A parentalidade ideal envolve criar as crianças para serem adultos ajustados, auto-suficientes e adultos socialmente competentes e isso requer desafios emocionais, tempo e recursos económicos (Goetting, 1986 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008).

Para níveis salariais mensais entre [500€; 1000€] níveis baixos, o exercício da parentalidade pode-se tornar difícil e stressante (Medora, Wilson & Larson, 2001), tendo um grande peso e sendo considerado um fardo da parentalidade bem como um aspecto da importância da parentalidade. Note-se ainda a importância que tem para uma maior satisfação parental, o terem os pais empregos com rendimento fixo, em detrimento da realização de funções que dependem da quantidade e da regularidade do trabalho existente (Warde et al., 1999). Saber que o rendimento mensal é fixo, possibilita um maior planeamento dos rendimentos, contrariamente às profissões que tenham como rendimento a constância e o volume de trabalho existente, que nem sempre é fixo.

Ao pai cabe uma multiplicidade de papéis, estando o papel económico entre eles (Lamb, 1992). Com efeito uma das quatro tarefas na paternidade responsável, é o garante do suporte económico.

Quanto às **habilitações literárias**, e lembrando que a amostra não é representativa, mais uma vez não foram observadas diferenças estatísticas significativas. Os estudos consultados são controversos. Existem estudos realizados com mães, em que se verifica que as habilitações literárias mais altas se relacionaram com níveis de satisfação mais baixos (Mercer, 1986, cit. in Bárcia & Veríssimo, 2008). No entanto Goetting (1986 cit. in Bárcia & Veríssimo, 2008) revela resultados opostos, em que se constata que habilitações mais altas estão associadas a maiores níveis de satisfação, sendo a maternidade uma opção.

Pais com habilitações de nível superior, investem mais na relação com os seus filhos, e isto porque, tendo conhecimento da importância de um bom relacionamento com os filhos, investem conseqüentemente nessa relação (Renk et al., 2003 cit. por Bárcia & Veríssimo, 2008). Um estudo sugere que, em detrimento das mães, os pais podem ser vistos pelas filhas como um modelo a seguir no que diz respeito ao percurso de carreira (O'Brian et al., 2000 cit. por Scott & Mallinckrodt, 2005).

Verificámos que, ao nível da **conjugalidade**, a negação de autonomia psicológica revela que esta está associada aos pais que se apresentam sem conjugalidade. Estes pais sem conjugalidade apresentam percepções de intrusão e comportamentos de dependência.

Não se encontra, neste caso, relação com quaisquer itens relacionados com a satisfação parental, o que não está de acordo com a bibliografia consultada.

A conjugalidade pode influenciar o nível de satisfação parental (Perrone, Webb & Jackson, 2007), e isto se tivermos em conta que o aparecimento dos filhos dá origem a muitas alterações intra e interpessoais, que vão afectar a conjugalidade. Constatámos, pela bibliografia consultada, que a estabilidade conjugal influencia, de uma forma positiva, a satisfação com os papéis parentais. Com efeito, ambos, pais e mães vêem a parentalidade como o aspecto mais importante das suas vidas familiares (Pasley & Gecas, 1984), e a satisfação parental como sendo um aspecto da qualidade da vida familiar (Martins & Leal, 2007).

No que diz respeito à associação detectada entre a ausência de conjugalidade e a negação de autonomia psicológica, num estudo que avalia as associações entre os estilos de attachment e as relações conjugais - depois da transição para a parentalidade –, constata-se que os estilos de attachment predizem, de uma forma significativa, a insatisfação na relação conjugal (Möller, Hwang & Wickberg, 2006).

Isto leva-nos a colocar a hipótese seguinte: se o bonding e o attachment são dimensões que se relacionam de uma forma dinâmica e interdependentes, então faria sentido, referir Lopez e colegas (2000). Estes, no seu estudo, constatam que adultos com orientação de attachment seguro, descrevem tipicamente as suas relações precoces com os pais, como calorosas, positivas e de suporte, contrariamente ao attachment inseguro. Neste caso, e ainda segundo os autores, as percepções são de comportamentos menos calorosos, conflituosos, controladores e invasivos.

Então, visto que a negação de autonomia psicológica, descrita e caracterizada por controlo, hiper-protecção, intrusão, proximidade excessiva e reforço de comportamentos de dependência, é constituinte do bonding parental. Isto leva-nos a equacionar que, segundo Lopez e colegas (2000), a qualidade dos laços emocionais precoces serve de moldura ao sentido do attachment nas relações mais próximas, na fase adulta, que poderão revelar-se se o attachment corresponder a um modelo negativo, ao medo de intimidade ou ao estabelecimento de relações de dependência, devido a medos crónicos de abandono. E isto pode também afectar ou dificultar o estabelecimento e a manutenção da conjugalidade. De facto Aluja e colegas (2007), relativamente à satisfação conjugal, referem que uma associação positiva com o calor emocional (cuidar), e negativa com a rejeição, ou seja a hiper-protecção e a preferência nos estilos parentais, se relacionam com instabilidade emocional, com um ajustamento conjugal pobre, e com falta de coesão, entre outros.

Insistimos que as conexões entre a qualidade das relações precoces –bonds - e as orientações actuais de attachment, no adulto, nos mostram que, no caso de um attachment seguro, se revelam funcionamentos superiores, no que diz respeito ao ajustamento, a relações confiantes e satisfatórias, a aproximações dos problemas de uma forma construtiva e colaborante, a elevados níveis de compromisso nas relações, e a menos emoções negativas (Lopez, Melendez & Rice, 2000).

No entanto, não devemos descartar o estatuto conjugal, *per se*, pois a conjugalidade pode ser mantida por diversas razões, tais como status social, económico etc. O artigo de Myhr, Sookman e Pinard (2004) revela alguns resultados interessantes a este nível, colocando em questão a importância do comportamento do controlo parental no attachment. O estudo refere que o estatuto conjugal é um factor securizante para homens e mulheres, mas com percepções de maior controlo parental e baixo cuidado materno.

A respeito do **número** e do **género de filhos**, não foram encontradas diferenças significativas nas subescalas existentes, gerando-se, mais uma vez, controvérsia, e não havendo consenso sobre o assunto.

O género é um factor que influencia a satisfação parental (Goetting, 1986 cit. por Bácia & Veríssimo, 2008). Pais (pai) de rapazes revelaram maior intrusividade negativa do que pais (pai) de raparigas, e isto relativamente aos comportamentos parentais precoces. Por vezes, o modo e comportamento paterno acaba por ser uma questão de género; o pai por vezes é mais “agressivo” (Barnett et al., 2008) com os filhos, e isto sendo quase como que uma forma de masculinização dos rapazes, sendo, no entanto, mais suave com as filhas.

Como vimos na literatura, na década de 70, a teoria da androgenia proporcionou uma pluralidade crescente nas formas de falar, de pensar, de repensar e de praticar a masculinidade, (no presente caso), e a feminilidade. Como refere Lamb (1992), no que diz respeito à influência paterna no desenvolvimento da tipificação sexual do filho, verifica-se que as características do pai, tais como a masculinidade, têm um papel secundário relativamente ao calor e à proximidade na relação com o filho (sendo estas características consideradas femininas, o que não deixa de ser curioso). No seu artigo, Lewis e Lamb (2003) referem também os pais (pai) apresentam maior tendência a estar mais envolvidos com os filhos, em detrimento das filhas mas, de um modo geral, apresentam maior afastamento das crianças comparativamente com as mães. Embora este facto, cada vez mais, esteja sendo contrariado, pois vêm-se notando um progressivo envolvimento, e investimento dos pais na relação com a prole.

O género dos adolescentes também revela diferenças de comportamento e de atitudes por parte dos pais (e isto tendo também em conta o nível de maturidade do adolescente) (Maccoby & Martin, 1983 cit por., Henry e Peterson, 1995).

Uma maior satisfação parental do pai com o filho, parece resultar da partilha comum de experiências, e de interesses e a tendência desejável, se a mãe o permitir, é a de identificação com o mesmo género, o Pai. Com as filhas a distancia emocional é maior, constatando-se uma menor satisfação, comparativamente com os filhos homens.

Em função do **número de filhos**, um filho é um projecto de vida, dispendioso a todos os níveis, do qual não se pode desistir nunca...(Canavarro e Pedrosa, 2005). Pais em famílias numerosas, tendem a experienciar grandes exigências e níveis de frustração e possivelmente menor satisfação parental, comparativamente com famílias menos numerosas ou pequenas (Goetting, 1986 cit. por Bárçia & Veríssimo, 2008). Assistimos a uma contenção no investimento de uma segunda parentalidade, por factores económicos, por objectivos profissionais, académicos e pessoais, além de que a parentalidade cada vez mais se adia em função de todos estes factores. Möller e colegas (2006) afirmam que a parentalidade é stressante tanto para o primeiro como para o segundo filho.

Verificaram-se diferenças significativas em função da ausência de **doença crónica ou incapacidade grave** no que diz respeito aos prazeres da parentalidade, à autonomia instrumental, e ainda à negação da autonomia psicológica. Relativamente à variabilidade interindividual, esta foi a única em que as duas dimensões apresentaram diferenças significativas estatisticamente, em conjunto.

Reparámos que, na amostra, só três pais tinham um único filho com doença crónica, e sete pais tinham, no total, mais de 1 filho com doença crónica, o que nos pode levar a concluir, com parcimónia, que a convivência com outro (s) filho(s) que não revelassem doença crónica, “dissolveria” a provável insatisfação com o papel parental, não se fazendo assim sentir com tanto peso, por hipótese, os fardos, e talvez a importância da parentalidade.

A doença crónica ou incapacidade grave são situações que implicam stress e sentimentos de perda. Situações que se desviem do que é esperado, revelam-se com níveis de depressão e de ansiedade nos pais (pai). A experiência torna-se mais difícil quando o pai (ou a mãe) acompanham a deterioração e o sofrimento (Wood & Milo, 2001 cit por. Spector, 2006), como nos casos da amostra, quando a criança sofre de doença crónica ou de incapacidade grave. A parentalidade de uma criança com esquizofrenia, hipótese formulada por Davis e Schultz (1998, cit por., Spector, 2006), pode ser equivalente ao luto (grief) parental, vivenciado como uma sensação contínua de perda. Mouton e Tuma (1988), referem um estudo com mães de crianças com perturbações. Estas mães exibem um elevado nível de stress, tirando deste modo pouco prazer na sua função parental. Possivelmente isto acontecerá também aos pais (pai).

Na bibliografia consultada, não nos deparámos com estudos que relacionassem as dimensões do bonding com a doença crónica. No entanto, tendo em conta os resultados, podemos levantar a hipótese de que, ao ser pai de crianças com e sem doença, a(s) expectativa(s) dos pais em relação ao(s) filho(s)(sem doença), serão mais baixas ou até mais adequadas (arriscamos), relativizando dimensões como a autonomia instrumental (proporcionando-lhes maior autonomia) e a negação de autonomia psicológica (diminuindo também os comportamentos de dependência, entre outros).

No que concerne as **associações entre as subescalas**, constatámos que não se verificaram associações entre as subescalas prazeres da parentalidade, fardos da parentalidade, importância da parentalidade, global, cuidar, autonomia instrumental e negação da autonomia psicológica. Apresentaram-se sim, associações positivas e significativas, estabelecendo-se uma correlação forte intra-escalas, nos prazeres da parentalidade, nos fardos da parentalidade, na importância da parentalidade, e no global. Relativamente ao cuidar, à autonomia instrumental e à negação da autonomia psicológica, as correlações revelaram-se fracas. Temos então que, relativamente ao item global - que traduz a pontuação global dos itens da escala de satisfação parental, a média -observa-se que (de uma forma de grandeza de correlações), os fardos da parentalidade, os prazeres da parentalidade e a importância da parentalidade se associam, de uma forma positiva, com uma correlação forte.

A importância da parentalidade revelou associação com os prazeres, seguida dos fardos da parentalidade, sendo que a relação com os prazeres se revelou um item com mais peso. Por último, notamos a associação ente prazeres e fardos, sendo a associação com a correlação mais fraca.

Concluimos que a **satisfação parental** - global - é afectada, em conjunto, pelos fardos da parentalidade sentidos, tendo maior peso nos prazeres que os pais têm no seu papel parental e na importância que atribuem ao exercício da parentalidade. A importância da parentalidade, apesar de ser uma correlação forte, dos três itens atrás referidos, é a mais fraca. No entanto a **importância** atribuída ao exercício da parentalidade está vinculada aos prazeres sentidos e aos fardos, sendo que os prazeres pesam mais nesta relação. A parentalidade é, tanto mais importante quanto maiores são o prazer o peso sentidos. Relativamente aos **fardos** e prazeres da parentalidade, estes parecem andar a par, sugerindo que, sempre que os prazeres são sentidos, estes acarretam os sentimentos do peso/fardo que a parentalidade comporta.

Nos itens respeitantes às percepções dos estilos de parentalidade – bonding parental, – o **cuidar** está ligado a percepções de autonomia instrumental e de negação de autonomia psicológica (que são componentes da hiper-protecção), com correlações fracas. Então neste caso, bonding ou cuidar, é sentido e entendido como fazendo parte dele a autonomia (com mais peso) e a negação.

Apresentamos, para finalizar, algumas **limitações** atinentes à presente investigação, que implicam alguns cuidados na interpretação dos resultados apresentados.

A presente amostra foi alvo de restrições. Pelo facto de ser de preenchimento electrónico, este torna-se restritivo por não encontrar disponíveis pessoas que, ou não têm acesso a um computador ou que não sabem utilizá-lo. Portanto a população em questão diferencia-se por tais condições.

Dada a circunstância de o método de preenchimento não requerer, à partida, a presença de autor do estudo, este pode ser alvo de preenchimento indevido e danoso (preenchimento por mulheres, homens sem filhos e adolescentes), afectando assim os resultados. Apesar de o questionário ser distribuído por uma rede de contactos considerados seguros, nesse aspecto o risco mantêm-se, embora de forma diminuída.

A generalização dos resultados para a população teórica está comprometida, não sendo esta uma amostra representativa da população. Observam-se, de imediato, os exemplos do nível socioeconómico e das habilitações literárias.

As idades dos filhos deveriam constar no protocolo, bem como se deveria esclarecer qual o rendimento auferido na conjugalidade, ou seja se é apenas um dos membros ou o casal, que contribui para a economia familiar. Esta seria uma informação importante para este estudo exploratório.

Relativamente à escala de Bonding Parental existe a possibilidade de, quando se pede aos sujeitos da amostra que relembrem o passado, estes fazerem-no num contexto do presente (e isto possivelmente porque os seus pais ainda estarão vivos) e eles, portanto, ainda convivem com a experiência de ainda serem filhos. Isto pode gerar algum tipo de conflito. Pode, então, esta escala ser vulnerável à memória e às distorções relativas a processos defensivos, não nos podendo esquecer que esta é uma medida de auto-relato.

A escala não distingue os pais biológicos dos não biológicos, bem como não refere, na consigne, instruções ou clarificações relativas a esta condição e também ao facto do sujeito não ter conhecido o pai. Este último facto aconteceu no presente estudo.

Notámos, ao longo da bibliografia consultada, que a possibilidade da diversidade e disparidade de resultados relativos à avaliação do Bonding Parental (o aceder às lembranças dos adultos do bond/laço com os pais), tem a ver com a existência de vários métodos de avaliação do bonding, ou seja com diferentes escalas e variáveis mediadoras.

Todas estas limitações agora referenciadas são, no nosso entender, passíveis de correcção e de melhoria em futuros estudos.

VI. Conclusões

O presente estudo – Satisfação Parental e Bonding Parental que se quis um estudo exploratório, procurou então explorar a importância das dimensões Satisfação Parental e Bonding Parental na figura paterna, tentando dar um pequeno contributo para um melhor entendimento destes conceitos e da sua conseqüente e correcta aplicabilidade.

A amostra caracteriza-se por homens, pais, com uma média de idades entre os 29 e 39 anos, com actividade profissional activa, auferindo rendimentos mensais entre os 1000€ e os 2000€ e com ensino superior – licenciatura. Vivem em situação de conjugalidade e de um modo geral têm só um filho (a). É baixa a presença de doença crónica ou incapacidade detectada nos filhos.

Pais com situação activa profissional revelam percepções de cuidar e de negação de autonomia e, os níveis salariais mais baixos e mais altos, exercem influencia no que diz respeito aos fardos da parentalidade e à importância da parentalidade. A percepção da negação da autonomia psicológica tem peso significativo nos pais sem situação de conjugalidade. Por fim, denotamos que a ausência de doença crónica ou de incapacidade grave patenteia os prazeres da parentalidade, a autonomia instrumental e a negação de autonomia psicológica.

Aquando da consulta bibliográfica sobre a temática da satisfação parental e bonding parental, deparamo-nos com diversos factores que intrincaram a investigação em questão: a multiplicidade e a parca clarificação de conceitos e dimensões, a variabilidade de utilização de instrumentos, e a utilização errática de alguns deles na medição dos conceitos e dimensões, (especialmente no que diz respeito ao bonding parental que tendencialmente era diluído no attachment) e ainda a intervariabilidade.

A disparidade de resultados e as relações curvilíneas que muitos deles apresentaram, deixam-nos a noção de que ainda muito trabalho deve de ser feito nestas duas dimensões, mais ainda quando pensamos no entendimento da satisfação parental e bonding parental, na figura paterna, figura essa, que está em processo de transformação. Neste processo todos os subsistemas que lhes estão associados também se alteram (o “novo papel do homem/pai” o “novo papel da mulher/mãe”). No fundo, devemos ter presente que estas transformações devem estar imbuídas de uma perspectiva holística.

As dimensões de satisfação e bonding parental, em nosso entendimento e em resultados da consulta bibliográfica, não foram abordadas anteriormente, em conjunto.

Embora o enquadramento empírico sugira alguma relação entre as duas dimensões de satisfação parental e bonding parental, este enquadramento ainda não foi constatado em estudos que verifiquem, ou não, a sua viabilidade.

O facto de a dimensão de attachment e bonding, dimensões diferentes, complementares e interactivas e igualmente importantes, serem diluídas entre si, pode eventualmente embarçar a possível relação com a satisfação com o papel parental.

As dimensões referidas, satisfação parental e bonding parental na figura paterna, evidenciam pontos de contacto comuns que podem revelar-se caminhos para o entendimento da possível relação satisfação parental e bonding parental, passamos a sintetizar.

-Na satisfação parental:

Prazer e gratificação com o papel parental.

Atitude do pai inerente às responsabilidades.

Emoções de contentamento e gratificação face às responsabilidades do pai.

Sentimento de realização que é tanto maior quanto maior a satisfação que retiramos das tarefas que realizamos.

-No bonding parental:

Conjunto único de disposições mentais e um repertório comportamental, ambos dirigidos à manutenção da proximidade psicológica e física com a criança.

Reflector dos estados emocionais.

Ajustamento emocional

Percepção de dignidade, de amor e percepção de disponibilidade emocional.

Cuidado – cuidar e protecção.

As dimensões bonding parental e satisfação parental, tocam-se nos comportamentos parentais (como a responsabilização no papel parental), nas emoções suscitadas, e com a transgeracionalidade afectiva (os pais da nossa amostra são filhos e são avaliados também como tal) – Pais que são Filhos e que também que são Pais.

Os resultados obtidos neste estudo exploratório permitem-nos conhecer as características da população em questão - Pais. Indicam-nos que as variáveis - nível salarial, situação profissional, conjugalidade e doença crónica ou incapacidade grave se distinguiram nas dimensões estudadas. Ou seja, quando falamos da satisfação parental paterna, esta é influenciada pelo nível salarial e pela doença crónica ou incapacidade grave. O bonding parental é afecto à situação profissional, à conjugalidade e à (como na satisfação) doença crónica ou incapacidade grave.

Estes resultados, por si só, dificultam um melhor entendimento e contribuição para a correcta aplicabilidade, com era pretendido. Como referimos anteriormente, existe necessidade de explorar, de uma forma mais específica os resultados encontrados, adicionando outras dimensões que poderão ser igualmente pertinentes, de forma a complementar futuros estudos.

Este é só o primeiro passo para o estudo de tão importantes dimensões na paternidade.

A partilha de poderes no papel parental e o diálogo são tão necessários como vitais. É possível ser soldado e ama ao mesmo tempo, mas também é necessário criar espaço para que estas valências possam coexistir dentro do pai.

Para isto, movimentos sociais, políticos, de saúde e educacionais, devem ser incentivados, de forma a que, cada vez mais se façam sentir, em todos nós, a necessidade e a importância desta mudança tão necessária.

No que diz respeito ao papel dos psicólogos, estes poderão intervir, de forma preventiva, na parentalidade, mais especificamente na paternidade. A formação, a partilha de conhecimentos, entendimento da paternidade e suas vicissitudes podem, desejavelmente, contribuir para uma paternidade mais realizada e plena.

REFERÊNCIAS

- Aboim, S. & Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. *Análise Social*, XXXVII (163), 475-506.
- Almeida, J. F., Machado, F. L., Capucha, L. & Torres, A. C. (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, A. N., Guerreiro, M. D., Lobo, C., Torres, A. & Wall, K. (1998). Relações familiares: mudança e diversidade. In J. M. L. Viegas & A. F. Costa (Eds.). *Portugal que Modernidade?* Oeiras: Celta Editora.
- Almeida, A. N. (2003). Família, Conjugalidade e Procriação: Valores e papéis. In J. Vala, M. V. Cabral & A. Ramos (Eds.). *Valores Sociais: Mudanças e Contrastes em Portugal e na Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Aluja, A., Barrio, V. & Garcia, L.F. (2007). Personality, social values, and marital satisfaction as predictors of parents' rearing styles. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, Vol.7, nº 3, pp.725-737.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII): 377-386.
- Bárcia, S. & Veríssimo, M. (2008). Avaliação da Satisfação Parental: Adaptação do Parental Satisfaction Scale – Halverson & Duke, 1991. XIII Conferência Internacional: Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Minho.
- Barnett, M.A., Deng, M., Mills-Koonce, W.R., Willoughby, M. & Cox, M. (2008). Interdependence of Parenting of Mothers and Fathers of Infants. *Journal of Family Psychology*, Vol. 22, No. 3, 561-573.

- Bayle, F. (2005). A Parentalidade. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Bogaerts, S., Vanheule, S. & Declercq, F. (2005). Recalled parental bonding, adult attachment style, and personality disorders in child molesters: A comparative study. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, September; 16(3): 445-458.
- Bowby, J. (1985). *Perda*. Brasil (2ªEd): Ed. Martins Fontes.
- Bowby, J. (1990). *Apego*. Brasil (2ªEd): Ed. Martins Fontes.
- Bowby, J. (1993). *Separação*. Brasil (2ªEd): Ed. Martins Fontes.
- Brito, I. (2005). Para Uma Nova Clínica de Pais e Bebés. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Cameira, S., Cabral, I. P., Leal, I. & Ribeiro, J. (2000). Desejo de um filho. In J. Ribeiro, I. Leal & M. Dias (Eds.). *Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 771 – 777). Lisboa: ISPA
- Canavarro, M.C. & Pedrosa, A. (2005). Transição para a Parentalidade – Compreensão segundo Diferenças Perspectivas Teóricas. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Canavarro, M. C. (2006). Gravidez e maternidade – representações e tarefas de desenvolvimento. In M.C. Canavarro (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora
- Chen, H.L. & Mallinckrodt, B. (2009). Parental Bonds, Anxious Attachment, Media Internalization, and Body Image Dissatisfaction: Exploring a Mediation Model. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 56, No. 3, 365-375.

- Cleminshaw, H. & Guidubaldi, J. (1980). Assessing Parent Satisfaction. Paper presented at the Annual Meeting of the Nacional Coucil on Family Relations. Portland, OR, October 22-25.
- Cowan, C.P., Cowan, P.A., Heming, G., Garrett, Ellen, Coysh, W.S.; Curtis- Boles, H. & BolesIII, A.J. (1985). Transitions to Parenthood: His, Hers; and Theirs. *Journal of Family Issues* Vol.6 Issue 4, pp.451-481.
- Cox, B.J., Enns, M.W. & Clara, I.P. (2000). The Parental Bonding Instrument: confirmatory evidence for a three-factor model in a psychiatric clinical sample and in the Nacional Comorbidity Survey. *Society of Psychiatric Epidemiol*, 35: 353-357.
- Dienhart, A. (2001). Make room for Daddy: The pragmatic potentials of a tag-team structure for sharing parenting. *Journal of Family Issues*, Vol.22(8), pp.973-999.
- Dix, T. (1991). The Affective Organization of Parenting: Adaptive and Maladaptive Processes. *Psychological Bulletin*, Vol. 110, No1, 3-25.
- Elliott, J.G., Illushin, L. & Willis, W. (2001). The Kids are Doing All Right': differences in parental satisfaction, expectation and attribution in St Petersburg, Sunderland and Kentucky. *Cambridge Journal of Education*, Vol.31, No. 2.
- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, Vol.21(3), 176-191.
- Figueiredo, B. (2005). Depressão na Gravidez: Quais as Consequências para a Mãe e o Bebê?. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.

- Figueiredo, B. (2005). Bonding Pais-Bebé. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Figueiredo, B. (2005). Psicopatologia da Maternidade e Paternidade enquanto período de Transição. In I. Lança (Coord.), *Estudos e Ensaios em Homenagem a Eurico Figueiredo*. (pp.83-102). Porto: Edições Afrontamento.
- Frejaville, A. (2004). L'enfant au regard des modifications familiales. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé (Eds.). *Nouveau Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*, vol, 4. Paris : QUADRIGE/PUF
- Freysinger, V.J. (1994). Leisure With Children and Parental Satisfaction: Further Evidence of a Sex Difference in the Experience of Adult Roles and Leisure. *Journal of Leisure Research*, Vol.26, No. 3, pp. 212-226.
- Fonagy, P., Steele, M., Moran, G., Steele, H. & Higgitt, A (1993). The Capacity for Understanding Mental States: The Reflective Self in Parent and Child and Its Significance for Security of Attachment. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, Vol. 41 p.957, 33p.
- Gomez, R. M. (2005). O pai. Paternidade em Transição. In I. Leal (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Guidubaldi, J. & Cleminshaw, H.K. (1985). The Development of the Cleminshaw-Guidubaldi Parent Satisfaction Scale. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 14, No. 4, 293-298
- Haudek, C., Rorty, M. & Henker, B. (1999). The role of ethnicity and parental bonding in the eating and weight concerns of Asian-American and Caucasian college women. *International Journal of Eating Disorders*, Vol. 25 (4), May, pp.425-433.

- Henry, C.S. & Peterson, G.W. (1995). Adolescent Social Competence, Parental Qualities, and Parental Satisfaction. *American Journal of Orthopsychiatric*, 65(2), April.
- Hong, S.S., Murphy, S.O. & Connolly, P.M. (2008). Parental satisfaction With Nurses' Communication and Pain Management in a Pediatric Unit. *Pediatric Nursing*, Vol.34, No.4 July-August
- Ingram, R.E. & Ritter, J. (2000). Vulnerability to Depression: Cognitive Reactivity and Parental Bonding in High-Risk Individuals. *Journal of Abnormal Psychology*, Vol. 109, No.4, 588-596.
- Kurdek, L.A. (1998). Prospective Predictors of Parenting Satisfaction for Fathers and Mothers With Young Children. *Journal of Family Psychology*. Vol.12, No.1, 56-65.
- Lamb, M. E. (1992). O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 1(X): 19-34.
- Lamb, M. E. & Lewis, C. (2003). Father' influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, Vol. XVIII, nº 2, 211-288.
- Lawoko, S. (2007). Factors influencing satisfaction and well-being among parents os congenital heart disease children: development of a conceptual model based on the literature review. *Journal of Caring Science*, 21; 106-117.
- Leal, I. (2006). O feminino e o materno. In M.C. Canavarro (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora
- Lebovici, S. & Mazet, Ph. (1989). À propos de l'évaluation des interactions fantasmatiques. In Lebovici, S. et al. *L'évaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires*. Genève: Éd. Eshel.

- Lee, C.Y.S. & Doherty, W.J. (2007). Marital Satisfaction and Father Involvement during the Transition to Parenthood. *Fathering*, Vol. 5, No. 2, Spring, 75-96.
- Lerner, V.L. & Galambos, N.L. (1985). Maternal Role Satisfaction, Mother-Child Interaction, and Child Temperament: A Process Model. *Developmental Psychology*, Vol.21, No.6, 1157-1164.
- Levandowski, D. C. & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 22, nº1, pp. 17-28.
- Lichtenstein, P., Ganiban, J., Neiderhiser, J.M., Pedersen, N.L., Hansson, K, Cederblad, M., Elthammar, O. & Reiss, D. (2003). Remembered Parental Bonding in Adult Twins: Genetic and Environmental Influences. *Behavior Genetics*, Vol. 33, No. 4, July.
- Lopez, F.G., Melendez, M.C. & Rice, K.G. (2000). Parental Divorce, parent-child bonds, and adult attachment orientations among college students: A comparison of three racial/ethnic groups. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 47 (2), Apr, pp.177-186.
- Lourenço, M. M. C. (1998). *Textos e Contextos da Gravidez na Adolescência: a adolescente, a família e a escola*. Lisboa: Fim de Século.
- Mackey, W. (1985). A cross-cultural perspective on perceptions of paternalistic deficiencies in the United States: The myth of the derelict daddy. *Sex Roles*, vol.12 (5-6), Mar, pp.509-533.
- Mallinckrodt, B. & Chen, E. (2004). Attachment and Interpersonal Impact Perceptions of Group Members: A Social Relations Model Analysis of Transference. *Psychotherapy Research* 14 (2) 210-230.

- Marchetto, M.J. (2006). Repetitive skin-cutting: Parental bonding, personality and gender. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 79, 445-459.
- Martins, S. & Leal, I. (2007). Escala de Satisfação Parental. *in Press*
- Medora, N.P. & Wilson, S. & Larson, J.H.(2001). Attitudes Toward Parenting Strategies, Potencial for Child Abuse, and parental Satisfaction of Ethnically Diverse Low-Income U.S. Mothers. *The Journal of Social Psychology*, 141(3), 335-348.
- Möller, K., Hwang, C.P. & Wickberg (2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, Vol.24, No.3, August, pp.233-240.
- Mouton, P. & Tuma, J. (1988). Stress, Locus of Control, and Role Satisfaction in Clinic and Control Mothers. *Journal of Clinical Child Psychology*, Vol. 17, No. 3, 217-224.
- Myhr, G., Sookman, D. & Pinard, G. (2004). Attachment security and parental bonding in adults with obsessive-compulsive disorder: a comparison with depressed out-patients and healthy controls. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 109: 447-456.
- Overbeek, G., Vollebergh, W., Meeus, W., Graaf, R. & Engels, R.C.M.E. (2004). Young adult's recollections of Parental bonds: Does satisfaction with partner relationships mediate the longitudinal association with mental disorders?. *Soc Psychiatr Epidemiol*, 39: 703-710.
- Overbeek, G., Have, M., Vollebergh, W. & Graaf, R. (2007). Parental lack of care and overprotection: Longitudinal associations with DSM-III-R disorders. *Soc Psychiatr Epidemiol*, 42: 87-93.

- Panfilis, C., Rabbaglio, P., Rossi, C., Zita, G. & Maggini, C. (2003). Body Image Disturbance, Parental Bonding and Alexithymia in Patients with Eating Disorders. *Psychopathology*, Vol. 36 (5), Set.- Out., pp.239-246.
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L.B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10.
- Pasley, K. & Gecas, V. (1984). Stresses and satisfactions of the parental Role. *Personnel and Guidance Journal*, March, pp.400-404.
- Perrone, K.M., Webb, L.K. & Jackson, Z.V. (2007). Relationships Between Parental attachment, Work and Family Roles, and Life Satisfaction. *The Career Development Quarterly*, Vol.55, March, pp. 237-248.
- Petersen, C., Scherwath, A., Kruihoff, E. & Koch, U. (2006). Post-acute service utilisation and parental satisfaction with health care services after mild traumatic brain injury in children and adolescents. *Brain Injury*, March; 20(3): 321-326.
- Ramos, V., Leal, I. & Maroco, J. (2006). Escala de Bonding Parental. *In Press*.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família*. Porto: Edições Afrontamento
- Relvas, A. P. & Lourenço, M. C. (2006). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade. Perspectiva sistémica. In M.C. Canavarro (Ed). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (2ª ed). Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (2007). A mulher na família: “Em torno dela”. In A. P. Relvas & M.Alarcão (Eds). *Novas Formas de Família* (2ª ed). Coimbra: Quarteto

- Reti, I.M., Samuels, J.F., Eaton, W.W., Bienvenu III, O.J., Costa Jr, P.T. & Nestadt, G. (2002). Adult antisocial personality traits are associated with experiences of low parental care and maternal overprotection. *Acta Psychiatrica Scandinavica*: 106: 126-133
- Ribeiro, M. S. P., Sampaio, D., Amaral, J. A. P. (1992). *Que divórcio? Aspectos Psicológicos, Sociais e Jurídicos*. Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, M. S. P. (1997). *As Crianças e o Divórcio: O Diário de Ana*. Lisboa: Edições Icarus.
- Rosa, M. J. V. (2002). Notas sobre a população – os homens e as mulheres perante o casamento. *Análise Social*, XXXVII (163), 667-672.
- Roussel, L. (1989). *La Famille Incertaine*. Paris: Odile Jacob.
- Scott, A.B.& Mallinckrodt, B. (2005). Parental Emotional Support, Science Self-efficacy, and Choice of Science Major in Undergraduate Women. *The Career Development Quarterly*, Vol. 53 (3), Mar, pp. 263-273.
- Shek, D. (2008). Predictors of Perceived Satisfaction with Parental Control in Chinese Adolescents: A 3-Year Longitudinal Study. *Adolescence*, Vol. 43, No. 169, Spring.
- Spector, A.Z. (2006). Fatherhood and depression: A Review of risks, effects, and clinical application. *Issues in Mental Health Nursing*, 27:867-883.
- Tomás, C. & Fonseca, D. (2002). Crianças em Perigo: O papel das Comissões de Protecção de Menores em Portugal. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 47, nº2, pp.383-408.

- Torres, A. C. (1987). Mulheres, Divórcio e Mudança Social. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 2, 117-156
- Torres, A. C. (1992). Fatalidade, Culpa, Desencontro. Formas da Ruptura Conjugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 11, pp.43-62.
- Torres, A. C. (1996). *Divórcio em Portugal: Ditos e Interditos*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, A. C. (2000). *Trajectórias, Dinâmicas e Formas de Conjugalidade: Assimetrias Sociais e de Género no Casamento*. Dissertação de doutoramento em sociologia. Lisboa: ISCTE
- Torres, A. C. (2001). *Sociologia do Casamento*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, A. C. (2002). *Casamento em Portugal: Uma Análise Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Varela, M.C. (2006). Filhos de Pais Separados: Trajectórias, Dinâmicas Familiares e Contextos Sociais. Estudo Exploratório. *Dissertação de Mestre em Educação e Sociedade*. Lisboa: ISCTE
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.
- Warde, C., Moonesinghe, K., Allen, W. & Gelberg, L. (1999). Marital and Parental Satisfaction of Married Physicians with Children. *Journal of General Internal Medicine*, 14: 157-165.
- Zabriskie, R.B. & McCormick, B.P. (2003). Parent and Child Perspectives of Family Leisure Involvement and Satisfaction with Family Life. *Journal of Leisure Research*, Vol.35, No.2, pp.163-189.

Anexo

Lista de correspondência de siglas e de significados.

ESP: Escala de Satisfação Parental

EBP: Escala de Bonding Parental

Escala da Satisfação Parental:

Prazeres: Prazeres da Parentalidade

Importância: Importância da Parentalidade

Fardos: Fardos da Parentalidade

Global: Cotação global, média dos valores obtidos para as três dimensões.

Escala do Bonding Parental:

Autonomia: Autonomia Instrumental

Negação: Negação da Autonomia Psicológica

Cuidar: Expressões de afecto, calor emocional e proximidade.

Este questionário destina-se a compreender a relação entre a Satisfação Parental (realização no papel parental/pai) e o Bonding Parental (ligação e investimento do progenitor/pai para a criança), em adultos do sexo masculino com filhos.

Este questionário é dirigido somente a adultos do sexo masculino com filho(s).

Pedimos, por isso, a sua colaboração para este estudo, que consiste no preenchimento do presente questionário, composto por perguntas relacionadas com sentimentos e emoções sobre a parentalidade (ser pai) e percepções da ligação com a sua figura paterna (o que se lembra da relação com o seu pai).

As suas respostas são estritamente confidenciais pelo que, não necessita de se identificar e do mesmo modo o seu e-mail não fica registado. No entanto, disponibilizamo-nos, no site em questão, através de e-mail, para o esclarecimento de quaisquer questões que se levantem, relativas ao presente estudo.

Caso queira colaborar neste estudo leia atentamente todas as questões e responda do modo mais sincero possível, sem deixar nenhuma por responder, pois, para validação do mesmo, torna-se necessário o seu preenchimento na íntegra. Quando terminar o preenchimento do questionário, clique em submit e de imediato, os dados serão guardados automaticamente.

Agradecemos desde já a colaboração para a realização deste estudo.

Indique, por favor os seguintes Dados Demográficos

Nacionalidade:

Portuguesa ____

Outra ____

Idade: ____

Habilitações literárias:

Primária (1º Ciclo) ____

Preparatória (2º Ciclo) ____

Liceu (3º Ciclo/7º-12º) ____

Bacharelato ____

Licenciatura ____

Mestrado ____

Doutoramento ____

Estado Civil:

União de facto _____
Solteiro _____
Casado _____
Divorciado _____
Viúvo _____
Outros _____

Quantos irmãos tem?

0 _____
1 _____
2 _____
3 _____
mais de 3 _____

Situação Profissional:

Activa _____ Não activa _____

Nível Salarial:

(Rendimento mensal)

menos de 500€ _____
500€ a 1000€ _____
1000€ a 2000€ _____
2000€ a 3000€ _____
mais de 3000€ _____

Nº de filhos:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
mais de 4. _____

Indique o sexo dos filhos:

Masculino. _____
Feminino. _____
Masculino e Feminino _____

Algum dos seus filhos tem doença crónica ou incapacidade grave?

Sim _____
Não _____

ESCALA DE SATISFAÇÃO PARENTAL
C.F. Halverson & H.P. Duke, 1991
(Martins & Leal, 2007)

1	2	3	4	5	6	7
Discordo Sempre	Discordo Frequentemente	Discordo Ocasionalmente	Não Concordo nem Discordo	Concordo Ocasionalmente	Concordo Frequentemente	Concordo Sempre

1. Tenho um grande prazer em ser pai ____
2. Estar com o(s) meu (s) filho (s) é uma grande fonte de satisfação para mim ____
3. Sinto-me feliz como pai, de uma forma geral ____
4. Observar os filhos a crescer e a desenvolverem-se é especialmente satisfatório ____
5. A paternidade é o aspecto mais importante da vida ____
6. Divirto-me frequentemente com o(s) meu(s) filho(s) em casa ____
7. O(s) meu(s) filho(s) limita(m) a minha liberdade ____
8. Comparando com um emprego fora de casa, a educação do(s) meu(s) filho(s) é mais satisfatória ____
9. Para mim, ser pai é um dos maiores objectivos na vida ____
10. Ser capaz de providenciar um bom lar para o(s) meu(s) filho(s) tem sido a grande fonte de satisfação para mim ____
11. A educação do(s) meu(s) filho(s) é uma das coisas mais estimulantes que posso imaginar ____
12. Tento estar com o(s) meu(s) filho(s) o mais que posso, porque é sempre um prazer para mim ____
13. Ser pai sempre foi agradável para mim ____
14. Fico contente só de pensar nos momentos que passo com o(s) meu(s) filho(s) ____
15. Ser pai é a melhor forma para alcançar a realização pessoal ____
16. Gosto muito de falar sobre o(s) meu(s) filho(s) ____
17. É difícil ficar preso em casa com os filhos ____
18. Adoro passar o tempo a ver o(s) meu(s) filho(s) ____
19. Estar com o(s) meu(s) filho(s) é mais aborrecido do que eu esperaria ____

20. A escala que se segue representa diferentes graus de satisfação no papel de pai.

Por favor, **marque o número** que melhor descreve o seu grau de satisfação em ser pai.

1	2	3	4	5	6	7
Extremamente Insatisfeito	Bastante Insatisfeito	Pouco Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito	Não poderia ser melhor

ESCALA DE BONDING PARENTAL

(V. Ramos, I.Leal & J. Maroco, 2006)

Este questionário enumera as várias atitudes e comportamentos dos pais. Deverá colocar uma cruz/seleccionar no quadro mais apropriado a seguir a cada resposta relativamente ao modo como recorda o seu Pai nos primeiros 16 anos de vida

	Concordo Totalmente	Concordo Moderadamente	Discordo Moderadamente	Discordo Totalmente
1.Falava comigo num tom de voz caloroso e simpático.				
2.Não me ajudava tanto como eu necessitava.				
3.Deixava-me fazer aquelas coisas que eu gostava.				
4.Parecia emocionalmente frio comigo.				
5.Mostrava compreender os meus problemas e preocupações.				
6.Era afectuoso comigo.				
7.Gostava que eu tomasse as minhas próprias decisões.				
8.Não queria que eu crescesse.				
9.Tentava controlar tudo aquilo que eu fazia.				
10.Invadia a minha privacidade.				
11.Gostava de falar sobre as coisas comigo.				
12.Frequentemente sorria para mim.				
13.Costumava tratar-me como um bebé.				
14.Parecia não compreender o que eu precisava ou queria.				
15.Deixava-me decidir as coisas por mim próprio.				
16.Fazia-me sentir que eu não era desejado.				
17.Conseguia fazer-me sentir melhor quando eu estava preocupado.				
18.Não costumava falar muito comigo.				
19.Tentava fazer com que me sentisse dependente dele.				
20.Fazia-me sentir que não conseguia tomar conta de mim sem que ele estivesse presente.				

21.Deu-me tanta liberdade quanto aquela que eu queria.				
22.Deixava-me sair tantas vezes quanto eu queria.				
23.Era hiper-protector comigo.				
24.Não me elogiava.				
	Concordo Totalmente	Concordo Moderadamente	Discordo Moderadamente	Discordo Totalmente

Obrigado pelo seu contributo e tempo dispendido!